O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — Manuel Firmino d'Almeida Maia, Barbosa de Magalhães, J. E. d'Almeida Vilhena, Augusto Ribeiro, Marques Gomes, Alves d'Azevedo, Francisco de Magalhães, e Firmino de Vilhena

ANNO XLV | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | SABBADO 30 DE MARÇO DE 1895 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:455

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Carta politica.—Verdadeiramente incrivel.—Preito merecido.—Aposentação dos parochos.—A bandeira portugueza.—A fiscalisação do real d'agua no concelho da Batalha.—Noticias do estrangeiro.—Secção politica.—Porque é que a Hespanha nunca ha-de ter bom governo.—Carta da Figueira.—Noticias diversas.—Folhetim: Magdalena.—Pelo estrangeiro.—Secção agricola.—Noticiario.—Carta de Lisboa.—Carta de Coimbra.

AVEIRO

CARTA POLITICA

LISBOA 29 DE MARÇO DE 1895.

Os ministros não consentem que a coroa se inteire do estado do paiz. Segregando-a por completo do contacto do povo, entende que ninguem os desapossa da privança, fazendo da cousa publica patrimonio seu. E a prova está em que o actual titular do reino desde 1890 tem sido ministro tres vezes, sem que de nenhuma d'ellas praticasse serviço algum que justifique a regia predilecção. Debutou s. ex.ª na pasta da fazenda, e a sua presença alli foi um desastre, conforme depõe o celebre relatorio, que abriu a crise e que teve por corolario o malogrado emprestimo de 8:000 contos. Em 1891 foi nomeado para as obras publicas, e a hecatombe promovida pelas suas inconvenientes reformas deu a bitola da sua capacidade administrativa. Em 1893 apossa-se da pasta do reino, e tivemos a reforma da policia com a resurreição da intendencia e do seu famoso regulamento, e bem assim a reforma administrativa mais opressora e vexatoria de quantas se conhecem e que faria honra ao faccioso conde de Basto, se por fatalidade podesse soerguer-se da campa o detestado valido de D. Miguel I.

A camara municipal do Porto tinha representado a el-rei contra a reforma administrativa, por a considerar offensiva das prerogativas municipaes da segunda cidade do paiz. Ao ministro soaram porém mal as considerações com que a independente vereação condimentou o seu protesto. Expunham-se alli aggravos, apontavam-se factos, finalmente dizia o povo da sua justiça, pedindo que o attendessem, visto de tudo estarmos carecidos, de boa politica e de boa administração. Ai penna que tal escreveste. O valido declarou ao fazer a rapida leitura da representação, que ou seria eliminada aquella parte, em que se citavam factos, ou no caso contrario, não teria seguimento o protesto. A commissão portuense declarou então que nenhuma alteração podia fazer-lhe, porque como simples delegada não tinha para tanto as precisas auctorisações. E retirou-se, levando a convicção que com taes executores as instituições estavam condemnadas. E de feito assim parece. O *deficit* augmenta. O prestigio da monarchia desfaz-se. Já nem sequer se respeitam as apparencias. Os impostos esmagam o povo. As classes operarias estão sem trabalho. O descontentamento publico augmenta. E a coroa entretem-se em caçadas e em projectos de digressões no estrangeiro, exactamente quando o thesouro está exhausto e o povo sem pão. E' n'esta conjuctura que o governo aproveita a monsão para fazer politica brava, para reformar a administração civil, e esganar a vida municipal, extinguindo concelhos e engendrando reformas eleitoraes, para arranjar circulos, em que só predomine a influencia official. Tudo isto não é só demencia, mas tambem desconhecer as circumstancias publicas. Dizem os validos d'el-rei, que fazem politica moderna e que a opposição liberal adopta processos antigos. Para elles o paiz é burro de carga, e suporta as albardas que lhe pozerem. Ora tambem assim pensaram Carlos X e Luiz Philippe, e as revoluções de 1830 e de 1748 provaram á França e ao mundo, que não é em vão que os reis faltam ao seu juramento e sequestram as liberdades publicas. Em Portugal D. Miguel I é tambem exemplo que não se deve desprezar, e o que se passou com D. Maria II até 1851 devia ter orientado a sua dynastia para não comprometter-se em aventuras reconhecidamente perigosas.

Allegam os ministros que faltam os homens d'acção, e que não ha nenhum com sufficiente prestigio para iniciar e dar vulto ao movimento. O que nenhum d'elles conta é com os contingentes do desconhecido, nem attenta em que é no meio das convulsões sociaes que surgem as individualidades que mais se teem salientado na chronica das nações. E quanto a processos... não vemos que os conselheiros d'el-rei os exhibam mais excellentes do que os que tiveram entre nós o conde de Basto, já citado, e Costa Cabral, e em França Polignac e Guizot. Comprimem as liberdades publicas nas roscas de uma dictadura feroz, e esterilisam os sacrificios populares representados na duplicação do imposto. A miseria das classes trabalhadoras vê-se a olho nú. Mas o governo decreta monopolios em dictadura para concertar com elles as finanças escalavradas dos seus nepotes. E para escarmenta dos que pretendem irlhe á mão no esbanjamento e no impudor, cérra as portas do paço aos que pretendem expôr á corôa os aggravos irrogados pelos seus ministros á liberdade e á fazenda do paiz!

Serão estes os processos novos dos modernos Sardanapalos? Ha muito que elles provocaram o desforço ao declararem em côrtes que eram obras e não palavras a catapulta que havia de bater em brecha e esmagar a situação. Lá chegaremos, visto ter entrado em todos a convicção de que se acham esgotados os recursos da legalidade, e que é preciso entrar no caminho das demonstrações mais energicas, já que el-rei parece dispensar a sua protecção ao regimen inaugurado pelos seus ministros favoritos.

A questão por tanto está posta nitidamente. Cessaram as ficções Já não ha carta constitucional, e estando suprimida, a ninguem obriga o juramento prestado, pois que se não obriga o rei, tambem não obriga o povo. Está rôto o pacto. Siga por tanto cada um o seu destino. E não se maldigam os que aos principios postos pelos dictadores, tiram as precisas consequencias. Não ha governo, porque não ha constituição. Não ha rei, porque a Carta foi violada pelo poder executivo. O que porém existe é o povo, e é ao povo que está reservado o brilhante papel de salvar a autonomia nacional, já que dois dos poderes constituidos trabalham para a dissolver, e o terceiro, o legislativo, está suspenso de facto, como se fosse crime reunil-o e deixal-o funccionar.

Ao sequestro do parlamento, seguiu-se a mordaça das corporações locaes, negando-lhes o executivo o direito de dizerem á corôa da sua justiça. Nos comicios reuniu o povo e protestou, como se os actos dos ministros fossem do agrado da corôa, que se mostrou divorciada do pensar e do sentir da nação. No Porto, porém, a magistratura popular entendeu que a constituição se achava ainda em vigor, e deliberou expor ao chefe do estado os agravos dos seus municipes e o descontentamento publico. O ministro do reino é que não esteve com reservas, nem diplomacias, fechou as portas do paço aos manifestantes, vendo nas palavras dos homens livres uma offensa ás regalias da sua auctoridade dictatorial. A esta abjecção chegou no paiz a monarchia sob o consulado nefasto dos contractadores da famosa negociação Hersent e do monopolio dos fosforos, concedido para atamancar a fortuna depauperada dos nepotes ministeriaes.

Para mais afear o quadro, em Lisboa os juizes das execuções fiscaes ampliam as disposições constitucionaes, alterando os termos da auctorisação para a cobrança dos impostos, que o Acto Addicional diz ser de doze mezes, e substituindo a seu talante o preceito legal. Um anno para estes julgadores minusculos equivale a *desoito mezes!* Innovação mirifica, que ficará registada a par do não menos celebre accordam da relação do Porto, em que magistrados inamoviveis, que na fraze de Royer Collard deviam ser impassiveis como a lei, comparam a cobrança dos impostos illegamente lançados, á suspensão dos direitos individuaes, decretada na ausencia das côrtes, quando se dê o crime de rebellião ou invasão de territorio!...

Estes factos condizem com o desnorteamento ministerial. Tudo demencia, tudo altruismo de retrocesso, tudo a fatalidade a imprimir nos homens e nas cousas o sello da decadencia, que tanto affecta a liberdade politica, como o amor civico.

— Annuncia-se para breve a publicação do decreto dictatorial, que reforma a circumscripção politica e restringe as faculdades e os direitos dos collegios eleitoraes. Aperta-se a área do suffrágio e estabelecem-se as incompatibilidades parlamentares. Fazem-se grandes agrupações de concelhos, tornando os circulos proporções giganteas. D'este modo a opposição fica com menos elementos para a lucta, levando o governo a melhor na refrega dos votos. O elemento official prevalecerá em toda a linha. E assim teremos a reproducção das manobras de 1845, em que o partido setembrista e os seus colligados levaram á camara apenas seis representantes, que oppozeram ás hostes numerosas e disciplinadas do governo. E todavia em maio de 1846 rebentou a revolução do Minho, promovida por um punhado de mulheres, que tocaram a rebate na sineta do campanario da sua aldeia a proposito do enterramento de uma criança no adro da egreja matriz. De pequenas causas grandes effeitos.

Parece que tambem os dictadores investem com a lei de 24 de julho de 1885, supprimindo o pariato electivo. Agrada lhes talvez o expediente das antigas fornadas. E são estes os processos novos dos modernos Sylas. E é com taes artes que elles hão de regenerar o paiz que não se converte aos seus rigores.

E vem a proposito citar um episodio historico da França da restauração. Luiz XVIII, cedendo ás instancias da sua familia, tinha dado a demissão a Decazes, que era presidente de conselho, e que depois fez duque e embaixador em Inglaterra. Succedeu-lhe Richelieu, que conservou os ministros que serviram com o seu antecessor, excepto o barão Louis, que foi substituido por Siméon. Criou-se durante o derradeiro consulado de Richelieu a direcção geral da policia, em que foi provido Mounier.

O ministerio apresentou logo á camara dos deputados uma proposta de lei sobre a liberdade individual e á camara dos pares a proposta limitando a liberdade de imprensa. A discussão que houve sobre estes dois trabalhos ministeriaes não foi uma lucta, mas uma verdadeira batalha campal. A paixão e a violencia foram eguaes em ambas as assembleias, tanto da parte da opposição como da do governo. Em ambas porém, venceu este ultimo por diminuta maioria. Todavia a agitação que estes dois actos provocaram limitou-se ás pugnas dos jornaes e ao recintho parlamentar, não obstante o interesse que os debates despertaram na opinião publica.

Não succedeu porem o mesmo com a discussão da lei eleitoral, cuja proposta foi apresentada ás côrtes pelo gabinete de Richelieu. N'este trabalho criavam-se os collegios do arredondamento, compostos de todos os eleitores da circumscripção, elegendo 258 deputados; havia mais os collegios departamentaes, que eram compostos da quarta parte dos eleitores apurados entre os maiores contribuintes, e que tinham de eleger 172 deputados. Assim a assembleia compunha-se de 430 representantes. Os eleitores do arredondamento votaram pela segunda vez no circulo departamental. Por isso á lei ficou-se chamando—*lei do duplo voto.* Substituiu-se assim a eleição em que tomavam parte as classes medias pelo sufragio de um pequeno numero de proprietarios. D'este modo os principios liberaes que determinaram o alargamento do voto, foram sacrificados á oligarchia, que pretendia á sombra da restauração avassallar a França.

Esta edição da lei eleitoral não era porem a ultima palavra dos ministros de Luiz XVIII. Em 1821 foram pois reduzidas as circumscripções de arredondamento, porque era ahi que o partido liberal tinha influencia.

Todavia uma emenda apresentada durante a discussão da resposta ao discurso da corôa, e que o governo havia combatido, foi approvada pela camara por 176 votos contra 98. Tres dias decorreram sem que a commissão parlamentar podesse apresentar ao rei a sua mensagem. E' que os ministros tinham feito acreditar a Luiz XVIII que o voto da maioria legislativa era uma offensa ás prerogativas magestaticas. Por isso o rei, recebendo apenas a meza da assembleia, recusou-se a ouvir a leitura da resposta da camara. Esta desconsideração contribuiu para a queda do gabinete, tomando conta das pastas entre outros, Corbière, Clermont-Tonerre e Peyronnet. Villèle occupou a presidencia.

Em 1823 foi dissolvida a camara dos deputados, sendo convocados os collegios eleitoraes para os fins de fevereiro de 1824. Na mesma data nomeava o rei 27 pares, afim de fortalecer a maioria, um pouco abalada nas ultimas refregas parlamentares.

Nada se poupou para tornar assignalada a victoria eleitoral do governo. Foram riscados muitos dos eleitores, diminuindo-se-lhes a quota censitica nas respectivas matrizes. Falsificaram-se os recenseamentos politicos, riscando n'elles todos os nomes suspeitos, e substituindo-os por outros de individuos com cuja cooperação contava o governo. Circulares ministeriaes prescreveram officialmente aos funccionarios publicos que votassem com o governo, sob pena de demissão. Violou-se o segredo da lista. Nas assembleias primarias apresentaram-se para votar falsos eleitores. O medo e a corrupção tyranisavam tudo. O resultado foi a opposição conseguir eleger apenas *treze* deputados.

Tudo isto e muito mais, segundo parece, se vae reproduzir em Portugal no anno do Senhor de 1895. *Setenta e um annos* decorridos, vamos agora ter accrescentadas as ordenanças e as leis do governo reaccionario de Villéle. As mesmas tendencias e aspirações conduzem os homens aos mesmissimos resultados. Dentro de poucos dias teremos publicado o ukase eleitoral, que talha os circulos á vontade dos ministros d'el-rei D. Carlos. Será eleitor e deputado só quem elles quizerem. Commissões de recenseamento, auctoridades administrativas, camaras municipaes, commissões districtaes, tudo sairá do molde fundido em 1824 por o governo mais reaccionario da Europa, porque foi elle que preparou o conflicto, que seis annos depois derrubou Polignac e precipitou no exilio a Carlos X, proscrevendo para todo o sempre a sua dynastia.

Já se vê que a liberdade dos povos é immutavel como a sentença do destino. Os homens são apenas instrumentos accidentaes, de que Deus se serve para a consumação dos seus impenetraveis designios. W.

Verdadeiramente incrivel

O que se tem passado nas inspecções militares feitas ao illustre general o sr. Malaquias d'Almeida, é verdadeiramente espantoso.

Para a carta que o brioso official dirigiu ao nosso collega *Correio da Noite* chamamos a attenção publica. A attenção d'El-Rei não nos occupamos a pedil-a, porque o soberano não cura d'estes casos. Com sentimento o dizemos.

Callamo-nos, pois, para dei xar fallar o illustre general, honra do exercito e gloria da nação—da nação que sente, que falla e que escreve.

Sr. Redactor.—Não me surprehendeu a decisão da segunda junta militar de saude, confirmando a da primeira, composta dos cirurgiões Portela, Ennes e Barros da Fonseca. Já a esperava como a esperava a opinião publica. Não haveria divergencia. O que estava escripto estava escripto. Assim tambem pensava grande numero de officiaes e pessoas qualificadas que me felicitaram pela carta publicada no *Correio da Noite*, pois todos terminavam as suas missivas por dizeres que se podem synthetisar no celebre verso de Dante:

Lasciate ogni speranza, voi, che'ntrate

Constituiu-se a segunda com um general de divisão, e dois cirurgiões militares, Cunha Belem e Emilio d'Oliveira. Menos um cirurgião que na primeira junta!...

Já estava de antemão previsto que não haveria empate?!...

E se o houvesse?! Qual a competencia medico-cirurgica d'aquelle general, aliás distincto como militar, para desempatar?... Bem sei que o defeito é da lei. Mas não seria melhor e mais util, que se curasse antes de corrigir esses defeitos da lei; do que procurar descobrir defeitos e doenças, para victimar uns e accelerar promoções de outros? Foi mais parca em perguntas esta junta: nada de espuma, nada de quebraduras, nem de ourinas, nem de cousas que cheiram mal!...

Ainda bem.

O sr. Cunha Belem, facultativo assaz conhecido n'esta cidade, foi o primeiro que, com toda a amabilidade, me dirigiu a palavra perguntando-me se tinha para apresentar á junta alguns attestados de doença.

Respondi: E' boa! De que doença?! Particularmente ainda a não descobri em mim; officialmente, ainda m'a não declararam. Certamente que, se me fora permittido fazer-me acompanhar de medicos civis, os traria perante a junta afim de se entenderem, se se entendessem!... com os cirurgiões militares. Attestados... terão a devida publicidade a seu tempo, depois d'esta junta exibir o seu parecer.

Retorquiu o sr. Cunha Belem:

Que os officiaes quando requeriam para serem presentes á junta, apresentavam attestados dos *assistentes*.

Facil foi a treplica:

Nunca fui *assistido*, porque nunca estive doente, nem estou.

Interveiu o sr. cirurgião Emilio—Parecia não estar de bom humor. Quiz me ver as pernas. Esbugalha os olhos em face de uma pequena variz; e faz esgares vendo insignificantes signaes de pequenos antigos eczemas, que nunca pela mente me passou tivessem a importancia que lhes ligou este habilissimo clinico. Não pude mais commigo que lhe não observasse na minha despreoccupação ou ignorancia, que o que notava em mim era commum em todos os militares passantes dos sessenta annos, e dados como eu a exercicios equestres. Que com tal criterio ha muito teria saido das fileiras avultado numero de officiaes e até mesmo de cirurgiões de divisão que não montam a cavallo. Parece-me não gostar de reflexões o sr. Emilio. Poz termo ao seu exame de pernas; compuz a minha nudez vestindo as calças, para decentemente me exibir ao sr. Cunha Belem, que fingiu auscultar-me.

E' boa! O sr. Cunha Belem que é, como toda a gente sabe, surdo como uma porta, o que já lhe tem sido dito em plena sessão por officiaes generaes, a applicar o ouvido ao peito do sacrificado! E' unico!... O que poderá elle ouvir?! A que conclusões poderá chegar?! Não me parece, nem a ninguem que saiba da sua surdez (e é molestia da tabella) que chegue, ou possa chegar a outras, que não sejam as seguintes: Que no auscultado já não bate o coração, já lhe não pulsam as arterias, já não gira o sangue, que é um morto em pé! Que um official general, com cincoenta e tres annos de serviço, sem nota, nem *macula*, cheio de força e vida, apto para o serviço, não devia ser forçado a representar em scenas tão *edificantes*!

Terminando: Requeri hoje para se me attestar quaes as doenças porque as duas juntas me deram por incapaz do serviço activo. Aguardo esses attestados com curioso interesse, mas com altiva serenidade. Depois virão os attestados de illustrações medicas e com elles a apreciação do meu estado physico-psycologico. A opinião publica, a incorruptivel julgadora, ficará assim esclarecida ao mesmo passo que edificada. E eu ficarei absolutamente tranquillo no intimo da minha consciencia, e em toda a minha dignidade. Cumpri, como hei de cumprir até ao fim, custe o que custar, o que se me afigura ser o meu dever. Restar-me-ha a intima consolação de que no meio d'essa derrocada medonha, em que se estão afundando tantas honras e tantos brios, não estrei no numero dos covardes e dos subservientes, que não duvidam sacrificar a honra e o brio.

O general de divisão. — *José Antonio Malaquias d'Almeida e Sá.*

Depois d'estas ultimas palavras o que podemos accrescentar?

Que ha um ministro que tudo sacrifica á sua propria elevação, que ha um Rei que tudo consente aos seus validos—que ha emfim um paiz que ha-de necessariamente accordar do torpor em que uma falsa comprehensão de deveres temporariamente o collocou.

PREITO MERECIDO

No dia 28 reuniu em sessão extraordinaria a Commissão regional de aquicultura d'Aveiro, presidindo o sr. visconde d'Alemquer, digno governador civil d'este districto. S. ex.ª disse que o objecto da sessão era communicar a infausta noticia do fallecimento do sr. dr. Abel da Silva Ribeiro. Tão recente é este desastre, que não é por emquanto ainda a occasião para rememorar os grandes serviços prestados por este notavel homem de sciencia á piscicultura em Portugal e por isso limitar-se-ia a propôr, o que decerto estava no animo de todos, para mostrar a magoa de que todos se acham possuidos com tão prematura morte, que se exarasse na acta d'esta sessão, exclusivamente destinada a este assumpto, um voto de profundo sentimento pela perda irreparavel que acaba de soffrer esta commissão e o paiz na pessoa do sr. dr. Abel da Silva Ribeiro e que d'esta resolução se désse parte á familia do finado enviando lhe uma mensagem de pesar por tão luctuoso acontecimento.

O sr. engenheiro Mello de Mattos referiu que o sr. dr. Abel da Silva Ribeiro foi quem primeiro emprehendeu com exito a piscicultura d'agua salgada quando ainda no estrangeiro ella nem sequer tinha sido tentada, e não andando o nosso paiz infelizmente farto de producção scientifica, era dever civico em prol da sciencia e para gloria de Portugal, pedir á familia do illustre extincto que coordenasse preciosamente os apontamentos, manuscriptos e publicações que, ácerca de piscicultura, são devidos ao sr. dr. Abel da Silva Ribeiro.

Em seguida o sr. dr. Edmundo Machado, em apoio da proposta do sr. Mello de Mattos, declarou que tinha mais de uma vez fallado com o sr. dr. Ribeiro ácerca de piscicultura e o tinha ouvido referir-se a apontamentos e estudos por elle emprehendidos. Fez uma succinta biographia do sr. dr. Ribeiro, quando medico de partido em Villa Nova de Milfontes, cercado da desconfiança dos habitantes d'aquella região, que só se convenceram do merito das descobertas d'este homem de sciencia, quando as viram realisadas e palpaveis nos terrenos alagados em que elle as levou a effeito. Alludiu ás decepções soffridas quando o sr. dr. Ribeiro tentou applicar em Aveiro os seus preciosos estudos e muito seria para lamentar se elle, levado pelo desanimo, se desesperasse de tal maneira, que destruisse os seus escriptos.

O sr. Fonseca Regalla additou á proposta antecedente, lembrando que se sollicitasse da familia do finado os escriptos do sr. dr. Ribeiro ácerca de piscicultura, a fim de que a commissão regional d'Aveiro promovesse a publicação d'elles, com o que muito lucraria a sciencia e o paiz. Tambem propoz que se communicasse á Commissão central de piscicultura e á imprensa, pelo menos local, as decisões tomadas n'esta sessão.

O sr. Mello de Mattos declarou que do melhor grado apoiava esta proposta, por quanto era intenção sua fazer identica proposta. Disse que uma das missões d'esta Commissão é a propaganda piscicola e o meio mais adequado de fazer propaganda é com certeza vulgarisar os nomes dos grandes piscicultores, em cujo numero se conta o do sr. dr. Abel da Silva Ribeiro.

Todas estas propostas foram approvadas por unanimidade.

Aposentação dos parochos

Com razão sobeja escreve o *Correio Nacional* o artigo que segue:

«E'-nos infelizmente necessario voltar á questão da aposentação dos parochos. O governo continua a proceder a este respeito por forma tal que até parece ignorar a existencia da lei reguladora do assumpto. Antes a ignorasse. Consta-nos que aos proprios parochos que receberam já titulos de renda vitalicia não se teem feito os respectivos pagamentos. Seja porém como fôr, é certo que a lei da aposentação dos parochos não tem sido cumprida. Forçoso nos é dizer que n'este ponto, como em alguns outros, o actual governo não sómente não tem correspondido ás suas proprias declarações e compromissos, mas tem inclusivamente originado desillusões crueis, que provocam justos reparos e impaciencias. Se o proprio ministerio reflectir um momento sobre tudo isto, ha de comprehender que não é por esta maneira que deve ser tratado o clero nacional. Por isso diremos hoje apenas estas palavras, esperando que não seja necessario voltar ao assumpto.»

Effectivamente o governo descura, quem sabe se propositadamente, d'um assumpto que devia merecer-lhe toda a consideração, pois que se trata d'uma classe por tantos titulos respeitavel.

A's justas queixas do nosso esclarecido collega juntamos as nossas, sem todavia crer na efficacia d'ellas—tão longe vae a nossa descrença nos homens que sobraçam as pastas da governação no momento actual.

O governo pouco se importa com a classe que tantos serviços tem prestado á religião e ao paiz. O governo não vive para praticar actos de justiça. A sua missão é outra e vae n'esse rumo com o desplante de um perdido. Tranquillize-se, porém, a classe parochial. Este estado de cousas não póde durar. Depois virá quem lhe faça inteira justiça, porque os serviços de tantos beneméritos não poderão nem devem nunca obliterar-se.

A BANDEIRA PORTUGUEZA

Uma conceituada folha ultramarina, publica n seu n.º chegado ha dias á metropole, e subordinado ao titulo que nos serve de epigraphe, o seguinte artigo:

Mais uma vez foi arriado esse immaculado pendão d'outros tempos, em territorios portuguezes. Em «Mafussi,» Africa Oriental, theatro das scenas vergonhosissimas para nós, devido á incuria dos governos, mais uma vez fomos desrespeitados por um inglez. Que satisfação pedirá agora o sr. ministro da marinha, Ferreira d'Almeida, por este inqualificavel procedimento da nossa fiel alliada?

O sr. Ferreira d'Almeida, que todos conhecem como o apologista da venda das nossas colonias com certeza lançará ao despreso qualquer reclamação justa que os nossos irmãos tentem fazer.

Diz o digno par do reino Marçal Pacheco com relação ao ultramar: «As minhas colonias, que bem podiam ser a terra, o celleiro e o mercado da minha economia depauperada, constituem apenas, «por imprevidencia ou cumplicidade dos governos,» a tunica ensanguentada do Christo sobre a qual jogam os dados a cupidez dos estrangeiros.» E d'esta forma que pensa o illustre par do reino, mas já o mesmo se não pode dizer de tantos outros que nos teem lançado ao abandono e completo esquecimento.

O que deveremos nós tambem esperar, do novo ministro em beneficio d'esta provincia? Ainda alimentavamos algumas esperanças na creação de um lyceu n'esta cidade, mas com esse homem á testa da pasta do ultramar, nada deveremos esperar e antes perder essas fagueiras esperanças.

Hoje é a costa oriental que mais tem sofrido em continuas desavenças com os estrangeiros; amanhã passará a occidental para mais tarde passarmos ao dominio estrangeiro. E' isto o que nos espera, será este o nosso futuro. N'esta triste conjunctura não se lembrará o povo de protestar, clamar e imporse com uma tenaz resisteneia aos desmandos illicitos dos nossos governo?

A. d'Oliveira.

Chegámos a assistir a tão vilipendiosas affrontas! Na metropole o governo que ahi está para escarneo do paiz, assassina as liberdades e arrasta o nome portuguez pela lama de todas as deshonras. No ultramar o bretão negreiro insulta o glorioso pendão das quinas; e o governo, que vae até ás derradeiras humilhações na escala dos seus grandes feitos dissolventes, ri da façanha audaz do pirata da Cyti, e deixa correr, porque tudo isto vae bem no melhor dos mundos possiveis. Ah! como tarda a explodir o vulcão sobre que tudo isto está!

A FISCALISAÇÃO DO REAL D'AGUA NO CONCELHO DA BATALHA

Dizem-nos d'alli em data de 27 do corrente:

Com esta epigraphe publicámos uma correspondencia no *Correio da Noite* e julgavamos não ser preciso voltar ao assumpto, para que esta execranda gente fiscal entrasse no cumprimento dos seus deveres. Enganamo-nos!... Ahi punhamos em relevo e com palavras bem frizantes, as innumeras desigualdades e favoritismo, com que é desempenhado o serviço do real d'agua n'este concelho. Ahi mostrámos que o soldado da guarda fiscal, José da Costa, a cujo encargo está a fiscalisação n'este concelho, é inteiramente incompativel com ella.

Foi ahi, que, com bastante pezar nosso, frizamos bem a fórma como o escrivão de fazenda d'este concelho auxilia as iniquidades no desempenho do serviço da fiscalisação.

Foi ainda ahi, que bem alto pediamos ás auctoridades competentes, que fizessem cumprir estes empregados com os seus deveres e entrar estas cousas no seu verdadeiro caminho.

Baldados esforços!

Até hoje não consta que estes *zelozos empregados* soffressem reprehensão alguma ou fossem convenientemente admoestados... E a prova é que, os horrores fiscaes, as violencias atrozes, as desigualdades consumadas succedem-se de uma fórma espantosa.

Para nos não tornarmos massadores e não ferirmos a paciencia dos nossos leitores, vamos em breves traços relatar os ultimos escandalos fiscaes praticados por estes figurões, os quaes misturados com um bocadinho de politica, produzem um maravilhoso effeito.

Em janeiro proximo passado, um contribuinte d'este concelho, o sr. José Carreira Franco, do logar da Alcanada, apresentou a sua proposta na repartição de fazenda, para approvação da illustrada gente do fisco.

Acontece que a proposta não foi approvada, e por isso entregue ao contribuinte, o qual a acceitou inconscientemente suppondo que era o manifesto, pois da deliberação fiscal não fôra prevenido. Não se dirigiu á recebedoria para pagar a supposta importancia, porque é costume n'este concelho só pagar as avenças no fim do mez. Com a maxima ingenuidade o sr. Franco expôz á venda os generos que lhe approuve e que da mesma proposta constavam, sem comtudo reparar que não estava habilitado para o fazer. O zelozo fisco não o prevenia pois era preciso armar ao effeito. Assim decorre o mez, e é então que o soldado se dirige a casa do sr. Franco e ahi procede á apprehensão de todos os generos subjeitos ao imposto, que lhe encontrou em casa e suas dependencias!... E só então lhe diz que a sua proposta não tinha sido approvada!!! Mas o que tem graça é isto. O sr. Franco, incurso como estava nas penas da lei, pois tinha transgredido o regulamento do real d'agua, embora sem o saber, dirige-se á repartição de fazenda solicitar benevolencia do respectivo escrivão, *pois era este o unico meio de se salvar*. O escrivão de fazenda, acto continuo, se transforma em galopim eleitoral, e dizlhe: *talvez se possa fazer alguma cousa* comtanto que v. vá ter com o chefe politico da terra pedindo-lhe se interesse por si... Estas ordens foram logo executadas pelo sr. Franco, e, n'este ponto, a politica com o escrivão de fazenda juntos, julgaram a apprehensão improcedente e aqui vae o sr. Franco, a titulo de ser regenerador, ileso do pagamento de multa e custas.

Agora effeito contrario.

Procedeu-se, como é de lei, no dia 7 de janeiro á eleição dos 40 maiores contribuintes, n'este concelho, onde os regeneradores foram completamente derrotados, perdendo maioria e minoria. Não podiam os regeneradores levar á paciencia que se lhe fosse embora um mandato que ha tantos annos chamavam seu e agora o viam em poder dos progressistas; n'este ponto atiram... e protestam vingança.

O sr. Manuel Domingos, dos Brancas, é 40 maior contribuinte e soccorreu a dar a carga referida, e por isso ficou debaixo das ameaças regeneradoras. Tem um lagar d'azeite, e é costume n'esta terra os lagareiros não ganharem salario diario, mas sim um quinto nos lucros do mesmo lagar; por este facto, no dia 16 de março apparecem-lhe á porta dois soldados, entre elles o Zé da Costa, acompanhados de um sargento da guarda fiscal e penetrando-lhe em casa apprehendem-lhe 105 almudes de azeite e 8 arrobas de carne de porco... Horror!!! Onde está a lei que auxilie ou ordene tamanha pouca vergonha?!! Qual foi o genero vendido pelo sr. Manuel Domingos, para que lhe fosse feita tal apprehensão?!! Está pois averiguado pelos depoimentos das testimunhas, que elle não infringiu os regulamentos fiscaes; em que se baseou pois a fiscalisação para o tornar victima de tamanha violencia?!! E' pois fóra de toda a duvida que é uma das primeiras vinganças que esta gente pratica em presença da eleição do dia 7 de janeiro. Vejamos como a fiscalisação é instrumento tenaz para cevar vinganças politicas. Concluindo pedimos a quem competir, para que, empunhando o sceptro com que exerce os mandatos da lei no desempenho do seu espinhoso cargo, deite sobre esta misera terra um lance de piedade para que seja observado n'ella o Santo imperio da egualdade, e não consinta que gema debaixo de mesquinhas vinganças, impostas por gente d'esta laia, um povo que teve sempre por legenda a honra, a dignidade e o bom acolhimento de todos. Até breve. Z.

E' verdadeiramente extraordinario o que acaba de lêr-se. Para os factos que se estão dando no concelho da Batalha chamamos a attenção publica, pois que dos poderes constituidos nada ha a esperar. Informem-nos os nossos amigos, de todos os excessos que alli se praticarem, que a punição por este meio não se fará esperar. Estamos aqui para cumprir o nosso dever e não faltaremos a elle.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

São hoje sem importancia immediata as noticias que nos chegam do estrangeiro. Na Allemanha continua a excitação a que deu causa a votação do parlamento contraria aos designios do imperador e offensiva da gratidão que o imperio deve a Bismark.

Em Hespanha continua o desgosto por causa do naufragio do *Reina Regente*; aggravado pelas noticias que chegam de Cuba onde a revolução pela independencia se alastra com ancia vertiginosa.

O governo do Brazil pôz á disposição do governo francez a quantia de 900:000 francos (162:000$000) para ser distribuida pelas familias dos tres francezes, Buette, Muller e Deville, que parecem ter sido fuzilados. Estão, portanto, liquidadas as reclamações da França, que chegaram a ser peremptorias.

Secção politica

Continuamos a dar publicidade no nosso jornal aos artigos do *Commercio de Portugal* e do *Jornal do Commercio*. por os julgarmos de interesse immediato. A verdade está toda no que elles dizem.

Do *Commercio de Portugal*:

OS FALSOS REPRESENTANTES DA NAÇÃO

Não ha já a menor duvida de que em breve será publicada a nova lei eleitoral, e em seguida, com a extensão que essa palavra possa ter consoante os projectos do governo, será dissolvida a camara dos deputados e a parte electiva da dos pares. Mesmo entre nós, onde a dictadura aliás tem florescido e fructificado, um simples decreto alterando fundamentalmente a lei eleitoral vigente é um caso tão novo e tão extraordinario, que só vendo-se realisado se póde acreditar n'elle, e no resto do mundo seria um absurdo de tal grandeza, que nem sequer mereceria as honras da discussão, porque não se discute o que é mais do que impossivel, por ser inconcebivel, pela sua inverosimilhança. E' claro, pois, que a eleição ou a cousa a que o governo dara esse nome, procedendo de um acto illegal, tumultuario e attentatorio, com violação manifesta da constituição e das leis votadas em côrtes, virá eivada de um vicio de origem de tal natureza, que nenhum poder será capaz de corrigir e emendar. Sendo esse acto illegal, illegaes são todas as suas consequencias, e os deputados e pares eleitos, ou tidos como taes, trazem um diploma sem valor, sem importancia, sem auctoridade, que a ninguem obriga. Podem elles ter a audacia de se dizerem representantes da nação, mas esta tem direito a recusar-lhes esse titulo honroso e a declaral-os falsos representantes—deputados e pares falsificados.

Assim como se falsifica o azeite e o vinho, o assucar e o leite, com mixordias que nos envenenam, do mesmo modo o governo vae falsificar deputados e pares com as mixordias da dictadura, terriveis toxicos, que corrompem, destroem e matam o systema representativo, e que prostram e aniquilam o paiz que vivia respirando o ar puro da liberdade, que esse systema lhe garantia, aproveitando-se de todas as demais regalias que lhe permittiam desenvolver-se e prosperar, manter o seu logar de honra entre os povos cultos e fazer-se respeitar pelas demais nações.

E' preciso, pois, que desde já, não só se proteste contra o attentado inaudito da nova lei eleitoral, mas que se declarem de contrabando, pintados, falsos, falsificados os chamados pares e deputados, que sahirem das urnas com o carimbo official, como para lá entraram. Mais ainda. E' indispensavel que os homens liberaes desta terra declarem desde já e se compromettam a empregar todos os meios ao seu alcance, para, quando o paiz volte á sua normalidade, restaurada a constituição e restabelecido o imperio da lei, quaesquer actos praticados pelos intrusos, que a nação não elegeu, mas que a dictadura nomeou para dispôrem da nossa liberdade e da nossa fazenda, serem considerados nullos, irritos e sem effeito, tornando-se responsaveis pelas suas consequencias os seus auctores, a começar pelos ministros, que, pelas suas prepotencias e arbitrariedades, deram causa a tão grave perturbação no viver tranquillo de um povo laborioso e pacifico, que devia ser poupado a tão profundos abalos, que o distrahiram da obra patriotica da sua propria rehabilitação em que elle estava empenhado.

Desde que isto se não faça, o precedente fica, e a semente ha de dar seus fructos, sendo de prever quaes os seus resultados funestos para o futuro do paiz. Basta de tanta falsificação e é preciso que ella se não repita. O que já ha hoje é de mais para envergonhar uma geração inteira, que vem de outra, que conquistou as liberdades publicas e cimentou-as com o mais generoso do seu sangue.

Falsificado tudo!

Falsificado o systema representativo; falsificadas as faculdades que a constituição concede ao chefe da nação e aos seus ministros; falsificadas as auctorisações votadas pelas camaras, para assim se praticarem verdadeiras extorsões á bolsa do contribuinte, em contractos escandalosos e em monopolios com sobrescripto; falsificadas as promessas feitas pelo monarcha aos peticionarios que se lhes tem dirigido; falsificadas as attribuições do governo e dos seus delegados; e depois de tudo isto, falsificada tambem a representação nacional?! E' de mais; não póde ser.

Uma acção tão violenta e tão oppressiva, pede uma reacção decidida e vigorosa; e se o instincto da propria conservação, que até nos irracionaes só acaba com elles, não basta para levantar um paiz que se préza contra tantas ameaças e tantos perigos para a sua liberdade e para o seu socego, para os seus brios e para a sua independencia, é que esse paiz está morto, e não ha outra cousa a fazer senão enterral-o. E para isto não falta tudo, porque ahi estão esses sete ministros, que coveiros da monarchia, tambem hão de sel-o do paiz!

*

Do *Jornal do Commercio*:

Alguns collegas mostram-se apprehensivos com a idéa propalada de que o governo vae suspender as *garantias*. Mas então não estão suspensas já?

A Ex-Carta Constitucional dizia, se é licito recordal-o, que: «*a divisão e harmonia dos poderes politicos é o principio conservador dos direitos dos cidadãos, e o mais seguro meio de tornar effectivas as* **garantias** *que a Constituição offerece.*»

E' claro, pois, que, desde que os poderes todos, em vez de se acharem *divididos* e *harmonisados*, se acham assambarcados por um d'elles—o executivo—desappareceu já de facto esse meio, superiormente efficaz, de assegurar as garantias, e portanto, as proprias garantias. Mas para que precizaria o governo *decretar* a suspensão de garatias? Decretou acaso que se installava governativamente fóra da Carta? Não se limita a pôrl-a os pés em cima, cada vez que isso lhe tem feito arranjo, quer para manobras politicas, quer para bem combinadas operações financeiras com os compadres? Para quê *decretar* então suspensão de garantias, se cada vez que lhe apraza as póde suspender, sem ninguem ter de dar contas? Não, nada de pleonasmos, os decretos são desnecessarios, mesmo porque, desde que a lei não impera, e nenhuma garantia ha da sua execução, que segurança podem ter simples decretos, ainda mais faceis de violar?

Mas no programma do governo o que muito estimamos é o annuncio da reforma eleitoral e da convocação d'uma nova camara. Ainda assim, quanto a nós, o melhor seria o governo deixar constituir primeiro as duas companhias dos phosphoros e dos alcooes, e depois organisar com as suas duas assembléas geraes as duas casas do futuro parlamento regenerador. Ao abrirem-se as Côrtes, o discurso da Corôa começaria então pela seguinte forma:

Dignos Accionistas da Companhia dos Alcooes, e Senhores Arrematantes dos Phosphoros e da Isca!

Como isto vae descendo!

*

E' ainda do *Tempo* o seguinte:

AS LIBERDADES POPULARES AO PREÇO DE 11:000 CONTOS!

Chegamos a uma época em que tudo se avalia em réis e em que o *venha a nós* é a orientação quasi geral na politica. Pessoas as mais dignas e as mais correctas, no seu procedimento de familia, estão persuadidas de que, por dinheiro, tudo se póde fazer, e que só lhes fica mal o metterem-n'o na sua algibeira particular. A idéa de patria e de collectividade social, é um anachronismo. Cuida cada um de si e ninguem de todos. Ha dias lemos, n'um telegramma para o *Seculo*, que um concelho qualquer, que é cabeça de comarca, não queria representar contra a reformaa administrativa, porque ella o não prejudicava! E' frequente ouvir qualquer cidadão, que podia influir nos destinos do paiz e que deixa correr á revelia a questão do suffragio popular, explicar a sua abstenção pela circumstancia de não ter filhos para despachar. Mas o que sobretudo é corrente, é entregar uma freguezia os seus votos ao governo porque este lhe dá um sino ou lhe compõe a torre da egreja, e vender-se em massa um concelho porque obteve dinheiro do ministerio das obras publicas para a abertura de estradas ou para quaesquer melhoramentos municipaes. E consideram os mais honestos, na sua vida particular, um acto honrado e digno, trocar o voto da sua consciencia por beneficios que, por serem destinados á collectividade e não ao individuo, não deixam por isso de ser uma deshonra e um rebaixamento aviltante para o systema representativo.

Agora, com a reforma administrativa, succede o mesmo na camara municipal de Lisboa. Não descobrimos incoherencia no procedimento da camara municipal. Para nós, quem assistiu impassivel e indifferente á reforma da policia que esmagou as liberdades populares na capital, quem tem dispensado qualquer benevolencia ao governo, depois do enxovalho que, por culpa d'elle, nos fez Casimiro Perier, no senado francez, quem tem feito vista grossa aos 5:400 contos dados aos salamanqueiros, aos 7:500 contos dados a Hersent e ao escandalosissimo e afrontosissimo monopolio dos phosphoros, e sobretudo quem continuou a manter relações de qualquer genero com o governo que mandava entregar 500 asylados ao marechal Floriano, para serem fusilados *como de direito*, não póde levantar-se contra a reforma administrativa! A coherencia é uma das primeiras virtudes dos homens publicos! Aos actuaes ministros não póde negar-se essa virtude. Quer no desbarato das finanças do estado, quer nos ataques ás liberdades populares, são d'uma coherencia sem egual nos annaes da administração publica! D'esta virtude não pódem gabar-se os que hoje os condemnam e hontem os applaudiam. Portanto, referindo ao publico os motivos que deu a camara municipal de Lisboa para não reclamar contra a reforma administrativa, longe está do nosso animo dirigir qualquer censura a esta corporação. Ella está no seu meio, e representa talvez as opiniões da maioria dos seus administrados. As rasões com que a camara municipal de Lisboa acceitou, com applauso, a reforma administrativa, copial-as-hemos textualmente do *Correio da Manhã*, que é o jornal mais ministerial que a capital da monarchia tem conhecido. Na bocca da camara municipal de Lisboa põe o *Correio da Manhã* as seguintes palavras:

«Que uma reforma administrativa que livrava a camara de uma divida de onze mil contos, não podia deixar de ser bem acceite pela vereação, que sem isso ver-se-ia forçada muito em breve a recorrer a novos impostos sempre pesados.»

Não sabemos se a declaração teve apoiados *calorosos e vibrantes*. Se os não teve, devia-os ter! Foi um preço chorudo! Por a metade, ou por 5:400 contos, venderam os salamanqueiros graúdos da cidade do Porto as franquias populares, á sombra das quaes o povo d'aquella heroica cidade muitas vezes se levantou contra os despotismos dos governos. Por muito menos do que isso se teem feito compras de alta importancia e por atacado. Portanto, aquella quantia era de arregalar o olho! O *Tempo* já tinha condemnado o procedimento do governo, que, sem contemplação pelo estado do contribuinte, nem pelas garantias parlamentares, presenteára o municipio de Lisboa com 11:000 contos á custa do paiz. E' claro que a nossa affirmação sobre o presente dos 11:000 contos não encontrou ecco, como o não teem encontrado as nossas affirmações sobre o emprestimo de 400 contos, contrahido pelo municipio de Lisboa, para fins que elle sabe e nós tambem! Se tivessemos dado noticia de uma regata, de um centenario, de uma *kermesse*, de um leilão *high-life* ou de uma rusga ás *batotas*, correria mundo a noticia. Mas a questão do presente de 11:000 contos ao municipio de Lisboa não podia commover nem sequer interessar a opinião, que fôra indifferente ao presente dos 5:400 contos aos salamanqueiros, ao donativo de 7:500 contos a Hersent, e ao arranjo do emprestimo municipal de 400 contos para *coisas urgicas!* O que porém não sabiamos é que o presente de 11:000 contos á camara municipal de Lisboa tinha sido feito para ella ficar calada. Suppunhamos que este sacrificio, a que o governo obrigou a nação inteira, para accudir aos esbanjamentos do municipio da capital, era apenas filho do genio perdulario dos ministros. Não foi porém só a tendencia dissipadora do gabinete que influiu na dadiva dos 11:000 contos ao municipio de Lisboa. Ainda aqui predomina o elemento da corrupção, que é a caracteristica mais accentuada do actual ministerio. O certo é que, authentica e officialmente, foi affirmado que o municipio de Lisboa recebera bem a reforma administrativa, porque ella lhe trazia um presente de 11:000 contos! Não condemnamos o processo, aliás contrario aos nossos principios e a todos os deveres civicos. Não o condemnamos, para não perdermos o nosso tempo n'esta marcha de corrupção e n'este desmanchar de feira. Archivâmos apenas mais um caso de descarada corrupção politica.

PORQUE É QUE A HESPANHA NUNCA HA-DE TER BOM GOVERNO

Sahindo da Suissa allemã, póde-se dizer que eu entrava de novo no mundo, porque na Suissa allemã nada se sabe, nenhum rumor alli penetra, nenhum ecco de politica, de arte, ou de litteratura alli vibra; pelo contrario, agora achava-me de subito n'um barco de vapor, onde do contacto dos viajantes de todos os paizes brota um tinido de noticias. Atirei-me, como um esfomeado aos meus companheiros que não fallavam senão na revolução de Hespanha; alguns, que julgam tudo debaixo do ponto de vista da França, que imaginam que todos os povos chegaram já ao nosso grau de civilisação, acreditavam que esse paiz ia entrar n'um Eldorado politico. Só eu negava a possibilidade de applicar a um povo as instituições de outro, e via no arremedo da nossa carta, para além dos Pyrineus, uma fonte de revoluções futuras. A discussão aqueceu emfim, como acontece sempre, querendo cada um dos utopistas ter a razão pela sua banda. Appellámos para um hespanhol que fumava tranquillamente o seu *cigarito* sem tomar parte na nossa discussão; e, reconhecendo-o juiz competente em semelhante materia, perguntámos-lhe qual seria, no seu entender, o melhor governo para a Peninsula. O hespanhol tirou o seu *cigarrito* da bocca, deitou fóra uma columna de fumo que havia dez minutos juntava no peito, depois respondeu com gravidade:

— A Hespanha nunca ha de ter bom governo.

Como esta resposta não dava razão a ninguem, tambem a ninguem satisfez.

— Permitta-me que lhe diga, sr. hespanhol, tornei eu, rindo, que me parece um pouco pessimista de mais. Então diz que a Hespanha nunca ha-de ter bom governo?

— Nunca.

— E de quem é a culpa d'essa falta de perfeição? do povo, ou da realeza, da nobreza ou do clero?

— De nenhum d'elles

— Então de quem é a culpa?

— E' culpa de S. Thiago.

— Mas, tornei eu com todo o meu sério, apezar da conversação parecer ir degenerando em brincadeira, como é que S. Thiago, padroeiro de Hespanha, e santo de certa influencia no Céu, se póde oppôr á primeira felicidade d'um povo, a dos melhoramentos politicos, de que dependem todos os outros melhoramentos?

— Aqui está como o caso succedeu, respondeu o hespanhol—Succedeu que um dia Deus Nosso Senhor, cançado de ouvir os povos queixarem-se eternamente, uns de uma coisa, outros de outra, e, não sabendo no meio das lamentações geraes, a qual havia de attender, mandou um anjo annunciar, a toque de trompa, que todas as nações vissem bem aquillo que desejavam, e que lhes enviassem, no praso de um anno, e no mesmo dia, cada uma d'ellas um deputado com o seu requerimento, que elle antecipadamente se compromettia a deferir. A noticia fez muita bulha, cada qual nomeou o seu deputado: a França S. Diniz, a Inglaterra S. Jorge, a Italia S. Januario, a Hespanha S. Thiago, a Russia S. Newsky, a Escocia S. Dunstan, a Suissa S. Nicolau de Flosse, eu sei lá! Até a republica de S. Marinho, quiz ser representada e apanhar o seu quinhão na munificencia celeste; foi um dia de eleições geraes em toda a terra; emfim chegou o praso marcado, e cada santo se póz a caminho munido das suas instrucções.

O primeiro que chegou foi S. Diniz; cumprimentou o Padre Eterno, não tirando o chapeu de cima da cabeça, mas tirando a cabeça de cima dos hombros; era um modo delicado de lembrar a Deus o martyrio que soffrera pelo seu santo nome; tambem esse cumprimento dispol-o maravilhosamente em seu favor:

— Então, disse-lhe elle, vens de França?

— Sim, meu senhor, respondeu S. Diniz.

— O que pedes tu para os francezes?

— O melhor exercito do mundo.

— Concedido, disse Deus Nosso Senhor.

S. Diniz satisfeitissimo tornou a pôr a cabeça em cima dos hombros, e foi-se embora. Apenas elle sahiu, o anjo que estava de semana annunciou S. Jorge.

— Mande entrar, disse o Padre Eterno.

S. Jorge entrou, e levantou a viseira do seu capacete.

— Então, meu bravo capitão, vens como representante da Inglaterra, não é verdade? Vamos a saber, o que é que ella quer?

— Meu senhor, respondeu S. Jorge, deseja ter a melhor marinha do mundo.

— Pois muito bem, diz-lhe que a ha de ter.

S. Jorge, que não queria mais nada, calcou a viseira do capacete e foi-se embora. A' porta encontrou-se com S. Januario.

— Bons dias, meu santo bispo, disse Deus Nosso Senhor, folgo muito de o vêr cá, que eu logo imaginei que os italianos não me mandavam outro; o que foi que elles o encarregaram de me pedir?

— Os melhores artistas do mundo, meu senhor.

— Pois desde já lh'os prometto, redarguiu o Padre Eterno.

S. Januario não quiz saber de mais nada, pôz a mitra na cabeça e sahiu.

— Mande entrar quem se segue, disse o bom Deus.

— Senhor, respondeu o anjo, não está cá ninguem.

— Ninguem? Ora essa! Então o que faz aquelle grande vadio Thiago, que sempre galopa e de S. não chega nunca?

— Senhor, tornou o anjo, parece-me que o vejo, lá ao longe, muito ao longe!

— Mandrião como um verdadeiro hespanhol, murmurou o Padre Eterno... Até que emfim ahi o temos.

S. Thiago chegou todo esbaforido, saltou abaixo do cavallo, e apresentou-se deante do Senhor.

— Ora muito bem apparecido, senhor *hidalgo*, disse o Omnipotente, diga lá o que quer.

— Quero, respondeu S. Thiago, tomando o folego entre cada palavra que proferia, quero que a Hespanha tenha o mais formoso clima do mundo.

— Concedido, disse o Padre Eterno.

— Quero...

— Então que é lá isso? Ainda queres mais alguma coisa? interrompeu o bom Deus.

— Quero, continuou S. Thiago, que a Hespanha possua as mais bonitas mulheres do mundo.

— Vá lá, tornou Deus, ainda consinto n'isso. Concedido.

— Quero.

— O quê! o quê! exclamou o Todo Poderoso. Então hoje não tencionas acabar com o peditorio?

— Quero, continuou S. Thiago, que a Hespanha tenha as melhores fructas do mundo.

— Está bom, tornou Deus Nosso Senhor, para os amigos mãos rotas. Concedido.

— Quero, continuou S. Tniago, que a Hespanha tenha o melhor governo do mundo.

— Alto lá! exclamou o Padre Eterno, sem o deixar proseguir, ponho-lhe o basta... Ha-de ficar alguma coisa para os outros. Indeferido!

S. Thiago quiz insistir; mas o bom Deus fez-lhe signal que voltasse para Compostella. S. Thiago montou a cavallo e partiu a galope. E ahi está porque é que a Hespanha nunca ha-de ter bom governo. O hespanhol petiscou lume com fusil e pederneira, tornou a accender o seu *cigarrito* que se apagára, e pôz se outra vez a fumar. Como eu achava a razão que elle me déra tão especiosa como qualquer das que dão, em eguaes circumstancias, os nossos homens de Estado, contentei-me com ella por então, e a sequencia dos acontecimentos provou-me que S. Thiago ainda não conseguira obter de Deus Nosso Senhor o dom que tivera a imprudencia de guardar para o seu quarto pedido. *Alexandre Dumas.*

CARTA DA FIGUEIRA

26 DE MARÇO DE 1895.

Hontem terceira e ultima recita do *Barão* de nunca assás lembrada memoria para nós, para o *Patuscana* e para o sr. H. Barros que a proposito de não sei quê, vem tambem metter-se com o homem e chamar-lhe cousas feias que elle, valha a verdade não merece, coitado. Deixem-n'o por nossa conta que nós cá lhe chamuscaremos o pello. Voltando ao *Barão:* correu desanimada a noute, pouca gente e enthusiasmo nullo, isto para festa d'amigos de homem de talento achámos pouco. Começaremos hoje pelo programma; onde é que se foi buscar em Portugal um capitão Oliva? E porque é que vindo em primeiro logar o nome da Maria Bairrada diz ao lado filha de etc.? Não era melhor dizer: Maria tal e abaixo Manuel tal, pae de Maria? Pequenas cousas, é certo, mas as grandes cousas são formadas de pequenas cousas. Procurámos em toda a peça um dito com graça, com espirito, mas só achamos esta belleza apanhada a gancho pelo caes ou n'alguma conversa de carregadores: — «Avia-te, se não apanhas a sorte grande em cautellas de trinta réis» (!!). Isto é realmente d'um chiste tão requintado que não admitte commentarios. E aquella scena em que o Theotonio Cartucho está para dar uma *pançada* no Barão? que cousa tão mal amanhada! E o tom de menina espantadiça com que o Barão diz: — «Onde estou eu»..... ? Nós não resistimos ao desejo de lhe gritar d'aqui: estás no sanctuario da tragedia, olha alli tens Ibsen e Maesterlinck juntos na pessoa do *Faztudo*, o teu glorioso auctor, aquelle é Pailleron. Sophocles na pessoa do *Patuscana*, e dispersos pelo resto da platéa, Euripides, Shakspeare e outros. Eu bem te prophetisei: «*Viens, Talma, tu auras un parterre de rois!*» E quando o Theotonio se queixa do outro não lhe dar «*nem um copo de aguardente*», francamente parece-nos mesmo outra pessoa! E as graçolas do sachrista, que cousa tão sensaborona! O Bartholo (que nome tão portuguez!) ora nos parece o *Camarão*, mais magrito, ora nos parece o mesmo actor no papel de José Bonacho da revista. E a naturalidade da pequena quando lhe diz: — «Estou com vontade de chorar» e «*não te vás* que me dás muito desgosto». Pobre menina! coitada, nem a gente pode ter coração, palavra! Os olhos arrazaram-se-nos de lagrimas e ficámos com uma gana de saltar ao palco, puchar o Bartholo por uma orelha e dizer-lhe: ó seu *marmanjo*, você, se continua a dar desgostos á pequena, eu racho-o!

Ha bons trinta annos quando nós tambem dançavamos o *vira*, havia o costume de, sendo muitos os pares, revesarem-se na passagem d'um lado para o outro. Chama-se, a esta troca, *roubar*, mas no Barão não se sabe o que isso é, isso sim. E mesmo não se admitte que estejam quatro almas a bater o *vira* uma noute inteira. Isto vem a pello do *tom realista* que segundo *abalisadas* opiniões, domina n'aquella salgalhada. Outra: diz o Bairrada: — «Todas as noutes me fazem uma derrota nas peras!» Se hoje ha derrota, para ámanhã ficam muito poucas e para o dia seguinte, nem uma. Só se o ladrão lá as tornava a pôr, ou a pereira era milagrosa e dava peras depois do dono verificar a derrota da vespera! São pequenas cousas, das grandes já fallámos; falta de naturalidade na linguagem, no modo dos personagens, etc., etc. E aquelle primeiro acto! Está-se sempre á espera que elle acabe, e não tem fim, o desalmado! Do terceiro não fallemos, é o *Solar dos Barrigas*, mais cousa menos cousa. O que vale é o Forte que faz um papel esplendido.

E basta de *Barão*.

— Tivemos n'uma das passadas noutes um sonho bastante curioso e não resistimos ao desejo de o contar. Então o paiz era governado por prefeitos romanos, trajava-se toga e *peplum* e calçavam-se cothurnos. Uma tarde estavamos sentados n'um terraço sobre o Munda quando um serrano vindo de Coimbra n'uma barca nos saudou e perguntou se sabiamos a grande nova; tirámos o charuto da boca, sacudimos as pregas da nossa tunica e dissémos: «que novas?» Vem ahi, rio abaixo, n'um baixel dourado o prefeito que agora vem governar Figária, foi prefeito nas Gallias e lá foi ferido com dois virotes abaixo do coração tres palmos, e continuou no mesmo tom durante algum tempo. De repente estalam no ar centenas de foguetes, ouvem-se os estridulos da *Figueirense* e o zabumba da *Dez d'Agosto*, vivas, palmas e bravos, e surge suavemente, n'um baixel de sandalo e pau rosa, recostado em leito de folhas de couve o gentil Incitato, dizendo adeus com o lenço ás turbas que estavam pelo caes. E estas agradecidas gritavam: Longa vida a Incitato, pontifice e consul! Longa vida ao salvador do capitolio! Alcacere, Alcacere por Incitato! E ribombava a *pancadaria* e ziniam os cornetins e os saxophones, e milhares de foguetes escureciam o horisonte! Figária estava em festa e o Munda parece que mais docemente corria balouçando no seu dorso azulado a gondola de Incitato! N'isto accordámos com uma forte argolada no portão... era um policia a perguntar se alli morava o cidadão D. P. Safa que susto! afinal o policia tambem era sonho.

E para desenfastiar do sonho e outros assumptos, uma historiasinha para acabar. Estava o *limão sem sumo* que outros chamam *limão mal descascado* a folhear as leis de Dracon sobre a maneira de roer os queijos quando encontrou entre as folhas uma porção de livritos verdes e amarellos, numerados e riscados de certa maneira. «Eureka! diz elle, esta é a verdadeira guitarra d'Almaviva! Se o Guerra Junqueiro se tem lembrado d'isto tinha feito do D. João uma obra prima! Vou escrever-lhe a tal respeito.» Pegou nos livritos e metteu-os no bolço, anediou a farripa tentadora, e reclinando-se languidamente no braço do seu *Jáu* desceu a pisar a lama vil das ruas. Onde via alguma cara bonita dizia:

Quem quer casar
com o carochana
que é muito lindo
e muito... parrana?

Se tinha bom acolhimento tudo ia bem; no caso contrario, puchava d'um livrito e a bem ou a mal lá o mettia nas mãos da cretura. E zás, adeante:

Quem quer casar
com o carochana,
que é muito lindo
e muito parrana?

D. P.

NOTICIAS DIVERSAS

Outro centenario.— Trata-se de celebrar o 7.° centenario do fundador da cidade de Thomar, D.

146

FOLHETIM

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

DECIMA PARTE

O BARÃO DA SOLEDADE

IX

O CAPITÃO CAILLOT ENAMORA-SE REPENTINAMENTE

«Durante o dia Caillot olhou continuamente para Wanacoa. Fez-lhe novos presentes, elogiou a sua belleza, e pareceu condoer-se de que uma mulher tão formosa passasse a vida triste e isolada, quando podia figurar com vantagem entre as mais elegantes damas de França. Wanacoa mostrava-se affavel, ensinava-lhe os mysteriosos compartimentos da gruta, deixava-lhe ver as suas joias e tropheus, e perguntava-lhe repetidas vezes se o meu regresso á Europa era coisa decidida. Quando ouviu a resposta affirmativa do capitão, correu para mim e disse-me banhada em lagrimas:

—Não me abandones: tu és o meu amparo, a minha alegria, e durante muitos annos foi-me unica ventura a tua estima!

— Minha filha, respondi beijando-lhe respeitosamente a mão, eu só poderia conduzir-te á Hespanha fazendo-te minha esposa, o que é impossivel: ao mesmo tempo, receio separar-me de ti, porque te amo como se fôras minha irmã, e não posso ser ingrato aos grandes favores que te devo.

— Pois leva-me de qualquer modo que seja.

— E abandonarás a tua gente, os teus deuses, a tua ilha?

— Tudo deixarei por ti!

«Cauzou-me pena aquella pobre mulher a quem não tinhamos ainda participado a desgraçada morte de seu pae, e separei-me d'ella, promettendo responder-lhe e consolal-a logo que consultasse Caillot, como dono da embarcação que devia conduzir-nos ao continente europeu. Wanacoa chorou, dirigiu-me um d'aquelles olhares que só para um homem como eu podiam ser indifferentes, e supplicou-me que não partisse. Se um incidente inesperado não interrompesse a nossa conversação, teria talvez succumbido. O medico e Caillot appareceram reclamando a minha presença. O barão acabava de dictar o seu testamento e chamava-me. Corri ao seu lado. Fitou-me com amor e entregou-me com mão tremula um papel fechado, dizendo-me:

— Aqui tens: guarda-o. E' verdade regressarmos á nossa patria? Oh! quanta ventura nos espera! que praser o nosso quando aportarmos ás nossas praias pittorescas!

«Imagine-se a minha dôr ao ver aquelle homem generoso e magnanimo, a quem me ligavam o infortunio, o agradecimento e a amisade, sonhar com os gosos da vida no proprio momento de estar ameaçado da morte!

— Approxime-se, capitão, dizia elle olhando para Caillot, que demora teremos em sahir da ilha?

— Muito pouca, sr. barão.

— E porque não embarcamos já? Sinto-me forte! sinto-me bom, estou melhor que nunca, e creio que teria valor como n'outro tempo para dirigir a abordagem a qualquer navio pirata.

«Caillot e eu consultámo-nos com o olhar.

— Vamos! continuou, quero vestir-me e partir; não devemos recordar o passado... a vida é uma farça, o mundo uma casa de doidos, e a paz do lar a unica felicidade que nos espera. Depois... depois...

«O barão interrompeu-se, e passado um momento de atonia, proseguiu:

— Como se chama o seu navio, capitão?

— *Fanny*, senhor.

— Bonito nome: é muito veleira?

— Muito.

— Estimo bastante; sendo assim, poderemos avançar muitas milhas em pouco tempo. Oh! se tivesse visto o nosso bergantim!... chamava-se o *Raio*... não: o *Almirante*... tambem não: como diz que se chama a sua embarcação? Meu Deus! quanto vou ser feliz!... a patria... os amigos... os meus criados... Tu tambem... sim, tu tambem... accrescentou indigitando-me. Fallarei de viagens, contarei as minhas aventuras, discutirei com os viajantes... e... capitão, quando partimos?

—Pobre barão! balbuciou o medico.

— Extingue-se-lhe a vida! murmurei eu mordendo as mãos para não deixar ouvir os meus soluços.

— Começa a taanstornar-se-lhe a cabeça.

— Vamos, vamos, continuou elle, a minha patria... a minha patria...

«E levantando pesadamente os braços, agarrou o meu braço e o do facultativo.

— Approximem-se, disse, apertando-nos com uma força extraordinaria, quero vel-os... seguil os... onde estão? que é isto? partamos... Alli está Inglaterra... alli estão sepultados os meus filhos... alli morren minha esposa... alli... Deus meu!... eu tambem quero morrer n'aquelle solo abençoado... aben...

«Ao mesmo tempo estremeceu; dobrou repentinamente a cabeça e ficou sem movimento. Estava morto!

«Um derradeiro sorriso, nuncio talvez da ultima esperança, parecia estampar-se-lhe sobre os labios gelados e entreabertos. A dôr transtornou-me o cerebro, e quando recobrei de novo os sentidos, encontrei-me só com o capitão Caillot.

—Morreu, não é verdade? perguntei.

— Sim, querido amigo.

— Onde está?

— Onde o deixou?

— Permitta-me que o veja.

— Não seja louco.

— Pois crê-me tão fraco, que, passado o primeiro momento de dôr, não tenha coragem para tornar-me superior á minha magoa?

— Confio muito no seu valor; mas parece-me uma temeridade o seu desejo.

— Vamos, acompanhe-me.

— Como quizer.

Levantamo-nos e dirigimo-nos ao sitio onde estava o cadaver do barão. Parecia dormir. O facultativo havia regressado a bordo.

— Capitão, disse eu a Caillot apertando-lhe as mãos, vou exigir-lhe um sacrificio, quasi impossivel; mas lembre-se que o barão foi para mim mais que um pae, e que partindo d'esta ilha não posso abandonar os seus restos mortaes.

— Então que deseja?

— Faça por mim o immenso sacrificio de receber a bordo o seu cadaver.

— Sabe tão bem como eu a responsabilidade que contraímos, as difficuldades que apparecem e os prejuizos que isso nos causa, mas é meu amigo e não posso recusar-lhe coisa alguma: recebel-o-hei.

«Acabava de exigir de Caillot um sacrificio superior á sua vontade, e elle acceitando-o dava-me a maior prova de amisade que póde esperar-se de um marinheiro. De entre cem, estou certo que noventa e nove não se atreveriam a fazer por seu proprio pae similhante sacrificio.

«Pediu-me o francez que o acompanhasse a bordo com o fim de consultar o facultativo sobre a maneira de embarcar e conservar o corpo do barão. Fômos, effectivamente, e o medico disse-nos que o embalsemaria da melhor maneira possivel, podendo assim ser conduzido a bordo sem que experimentasse a mais leve alteração durante a viagem. Foi construida uma grande caixa por ordem de Caillot e embarcada na nossa canôa. Depois tomámos café, e Caillot disse-me:

—Partiremos ámanhã, se lhe apraz; mas antes desejo fazer-lhe uma revelação importante. Sabe que sinto ausentar-me da ilha?

— Pois fique, meu amigo.

— Este meu pezar não é precisamente por levantar ferro, mas porque desejava levar commigo outra pessoa.

— Quem?

— Estou perdidamente enamorado de Wanacoa.

— Pois offereça-lhe a sua mão; ella é livree pura como a lua que nos alumia.

— Jura-m'o?

— Pela salvação da minha alma!

— E se ella me despreza?

— Ainda não lhe disse nada?

— Absolutamente nada.

— Quer que lhe falle no seu nome? Mas considére que para eu assim praticar ha-de promettel-me cumprir a sua palavra logo que lhe seja possivel.

— Prometto.

— Não quero, que, offuscado hoje por um louco capricho, a torne ámanhã desgraçada.

— Offende-me com essa supposição, meu amigo.

— Pois bem, fallar-lhe-hei esta mesma noite.

«Abraçou-me com alegria, e acompanhados do medico e de quatro indigenas, portadores da caixa em que o barão devia ser depositado, regressámos á gruta. Apenas me vi só, abri o papel que o barão me entregara, e li-o cheio de magoa e de surpreza. Aquelle homem generoso tinha-me instituido herdeiro universal da sua fortuna. Tinha-me consignado um milhão de libras esterlinas na casa Sllot de Londres, e n'aquella cidade possuia tambem um magnifico palacio.

«Ha tempo, dizia, passando pelo «Mexico, tive occasião de tratar com «um honradissimo judeu chamado A«braham Gersey. Estava hospedado «em sua casa, e uma noite chamou-me «e disse-me: —Envenenaram-me e rou«baram-me: vingue me. —Quem? per«guntei-lhe. —Respondeu-me que um «empregado seu chamado Guilherme «Moran. —Expirou n'aquella mesma «noite, e no dia seguinte tive de par«tir da capital por motivos especiaes. «—Procura esse homem pelo mundo e «vinga se poderes o desditoso Abra«ham Gersey: é a unica recommenda«ção que te deixo.» André e Mendoza fitaram-se com surpreza.

— Queira continuar, disse André.

Mendoza proseguiu:

«Guardei o testamento, pelo qual me via possuidor de uma fortuna extraordinaria, e dirigi-me ao logar em que jazia o cadaver do barão. Wanacoa deteve-me no caminho. Tornou a repetir-me o sentimento e a desesperação que lhe causava a minha partida. Desejoso de cumprir a promessa que fizera a Caillot, disse-lhe:

— Se queres, pódes acompanhar-nos, porque Caillot ama-te.

«Deus sabe o sacrificio que eu fazia para me expressar d'este modo. Se só por mim Caillot annuiu a levar a bordo um cadaver, só por elle eu era capaz de separar-me da generosa Wanacoa. Havia comtudo no meu desejo algum egoismo: não sendo meu o seu amor, preferia vêl-a em Londres ou em Paris todos os annos, a perdel-a de vista para sempre. Demais, ainda que podesse, não devia enlaçar a minha sorte á sua. Se era certo, como disse Caillot, ter perdido no naufragio do meu navio a minha esposa idolatrada, devia conservar immaculada a sua memoria. Se por fortuna se salvara e me chorava perdido para sempre, ao volver a seus amantes braços devia levar completamente tranquilla a consciencia. Estas razões pareceram convencer a indigena, que por não separar-se de mim consentiu em unir a sua sorte á de Caillot.

O capitão recebeu com alvoroço a noticia. Respeitando a minha dôr, desistiu do projecto de dar a bordo um baile, adornando com galhardetes e luzes de côres a mastreação da goleta. Comtudo, repartiu pelos tripulantes alguns barris de genebra e fez alguns presentes aos homens e ás mulheres da ilha, que beberam até se embriagarem. Tres dias depois, dispozemo-nos a abandonar completamente a ilha. Wanacoa tinha sabido e chorado n'este intervallo a morte de seu pae.

O cadaver do meu protector foi conduzido a bordo com grande veneração. Quanto a mim, arribara moço á ilha, e sahia d'ella quasi velho; n'ella tinha consumido como em um carcere metade da minha existencia; nada obstante, ao levantar ferro, volvi a vista para a praia, e as lagrimas sulcaram-me as faces, e mais de uma vez tive desejos de ir novamente habitar entre aquella pobre gente que tanto me tinha querido e respeitado.

Na praia, no bosque, nas collinas, avistei todos os indigenas agitando as mãos em signal de despedida, dando fortes gemidos que resoavam em meus ouvidos como lamentos de morte.

Tambem Wanacoa chorava a meu lado, pensando em seu pae.

Quando a ilha desappareceu entre as ultimas brumas do crepusculo, pensei na necessidade de consagrar-me inteiramente á guarda do cadaver do infeliz barão e do testamento que era para mim uma riqueza.

Gualdim Paes, grão mestre da ordem dos Templarios. A data d'este centenario é de 13 de outubro, e n'esse dia será lançada a primeira pedra para o monumento que vae erigir-se a Gualdim Paes, na praça de Thomar, que vae ser reparada por conta da camara.

Esta idéa partiu do sr. Vieira Guimarães alumno da escola medica de Lisboa.

Assumpto importante.—Notando o mal que faz á nossa agricultura a cessação da exportação do nosso gado, um ecclesiastico que se occupa das cousas de interesse publico escreve,dirigindo-se a um collega nosso:

«*Sr. redactor.*—Com respeito á noticia transmittida pela Agencia Havas sobre a prohibição da importação para a Inglaterra de gados provenientes de Portugal e publicada pelo seu jornal, louvo o por não deixar passar sem reparo aquella injustificada resolução do governo inglez, que aggrava excessivamente as já precarias circumstancias d'uma grande parte do povo portuguez —o que se dedica á industria da engorda de gado bovino. N'esta terra e em quasi todas as d'este districto,uma boa quarta parte da população auferia os seus meios de subsistencia quasi só d'aquella industria. Não sómente os lavradores remediados e caseiros tiravam dos seus gados a principal fonte de receita, mas os proprios jornaleiros e operarios que, como aqui não teem trabalho consecutivo,arrendavam umas territas, e com a ajnda de suas mulheres e filhas,creavam e engordavam em certas epocas do anno uma ou duas vitellas que compravam com dinheiro de qualquer *creador*, o qual tinha o terço do ganho, e com esse lucrosinho compensavam a falta de jornal nos dias em que não tinham quem os convidasse.

N'esta terra e em muitas outras circumvisinhas quasi todos os lavradores se servem para os seus serviços agricolas de vaccas, e já do producto das suas crias, já da engorda d'ellas, tiravam a melhor verba de receita para custeamento de suas despezas; por que lhes falhou o vinho, a madeira de castanheiro e os laranjaes—e dos cereaes que cultivam pouco são os que vendem. Falhando-lhes agora os gados e augmentados os impostos, ficam na miseria e com elles os jornaleiros que, se até agora tinham pouco que fazer, agora muito menos. E já lhe tem falhado muito, desde o principio do anno, os rendimentos dos seus gados que baixaram quasi a metade do seu valor, talvez já por fazer em pequena escala a exportação d'elles; e agora, a manter-se aquella resolução do governo inglez, ficará reduzido a menos talvez d'um terço do seu valor d'outr'ora, quer dizer: paralysado e aniquilado um tal commercio, que já desde o principio do anno não tem dado senão prejuizo. Quem tem lucrado são os cortadores, mas tambem não sei quem lhes comprará a carne. Mas não póde ter, não póde orranjar outro modo de vida esta gente, e para não morrerem de fome, terão de emigrar, como já teem feito muitas familias. Até ha pouco ainda remediava muita miseria o dinheiro que muitas familias recebiam dos seus parentes do Brazil; mas agora, com o decrescimento do cambio, elles já raro mandam algum, e quando a familia se lhes lastima, elles mandam-na ir para lá. E para lá vão cada vez mais: homens, mulheres, creanças —familias inteiras!

Senhor Redactor: não pense que eu estou a carregar de mais o quadro. Não imagina a penuria que vae por todas estas aldeias. Confrange-se-me o coração ao pensar no futuro d'esta gente. D'aqui a pouco, para completar o quadro, só falta a forca erguida a cada esquina. Das cidades não sei, mas ha por lá muita cousa a fazer sombra ás suas miserias. Peço-lhe que se não cance de advogar, perante quem póde e deve, a causa d'este pobre povo, digno de melhor *sorte*, que está ferido de *morte*, se vae por deante aquella resolução do governo inglez e o governo de Portugal continua, como até aqui, a descurar os interesses do paiz.

Sou, etc.

Trofa, 22—3—95.

Padre *Antonio Correia Pires.*»

O illustre ecclesiastico não carrega de mais o quadro: diz apenas a verdade. A cessação da exportação do nosso gado é um mal social,cujas consequencias serão o augmento da miseria publica e o crescimento por conseguinte das nossas difficuldades.

Vejam—Scenas da emigração. — Do relatorio do consul portuguez no Rio de Janeiro sobre a emigração de Portugal para os Portos do Brazil, transcrevemos o seguinte:

«Não raro acontece,que,recem chegados de Portugal venham pedir-me que os repatrie, por quanto foram illudidos na sua boa fé e não se lhes deparou aqui no primeiro momento,como suppunham e lhes garantiam, o bem estar ambicionado. Alguns lamentam haver vendido as terras que possuiam na aldeia portugueza, de que emigraram para poderem pagar a passagem, reconhecendo o seu erro tardiamente e já sem remedio, quando esgotados os ultimos ceitis.»

.....

«Não tenho verba e se a tivesse seria promptamente esgotada no momento em que fizesse constar que abonava passagem para Portugal.»

.....

«A estatisca mortuaria releva quantos dos nossos compatriotas são sacrificados annualmente á febre que os impelle ás terras de Santa Cruz, abandonando o tranquillo romanso da localidade em que nasceram, na qual lhes era difficil ganhar pelo trabalho honesto o sustento de cada dia.»

.....

«E' o recrutamento um dos pretextos invocados para explicar a emigração da nossa mocidade! O que ella não sabe, porque não lh'o dizem os engajadores, é que, chegando ao Rio de Janeiro ou vae contractar-se por tres annos no corpo da policia, cuja organisação é militar, ou assenta praça voluntariamente em alguns dos corpos da guarda nacional.»

Sobre a molestia das vinhas.—Todos sabem que, tendo se manifestado uma nova molestia nas vinhas do Douro, foi encarregado de estudal-a o distincto agronomo sr. Lecocq. S. ex.ª promptamente descobriu, que a doença era o *mal nero*, ou gommose bacillar da vinha. Parece ter havido duvida em Portugal, porque foram enviados exemplares ao *Progrés Agricole et Viticole*, no qual encontramos o seguinte trecho de *Prillieux et Delecroix* n'um artigo sobre a doença:

«Podemos verificar, que existe em Portugal a doença ha mais de 15 annos sob o nome de *maromba*. Nos ultimos dois annos soffreu principalmente o valle do Douro, onde se produzem os afamados vinhos do Porto, e os viticultores, desconhecendo a natureza da doença, pediram ao governo, que a mandasse estudar. Estuda-se actualmente. Devemos ao favor do sr. Verissimo de Almeida, professor de pathologia vegetal no Instituto agricola de Lisboa e ao seu repetidor o sr. Motta Prego, uma remessa de amostras dos vinhos doentes e uma noticia sobre o desenvolvimento da molestia. Não temos nenhuma duvida sobre a sua identidade com a gommose bacillar.»

N'esta noticia apenas é para lastimar, a omissão do nome do sr. Lecocq, que descobriu, quando outros duvidavam, e descobriu prompta e exactamente, a natureza da molestia.

A exposição de gado bovino em Villa do Conde.—O *Bem Publico* dá-nos conhecimento do certamen que alli se deu nos seguintes termos:

Realisou-se no dia 20, como haviamos annunciado, a esplendida exposição de gado bovino nacional. O dia, raiou magnifico. No firmamento, nem a mais pequena nuvem empannava o astro-rei, que espargia sobre a terra os seus ardentes raios, imprimindo-lhe as notas alegres de um dia de festa. Depois das sete horas da manhã, começou a affluir aos nossos mercados enorme quantidade de feirantes. A's nove horas, com a chegada do comboyo do Porto, que veio apinhado de gente, o movimento tornou-se maior. Principiaram, então, a chegar centenas e centenas de juntas de bois que se iam accumulando no amplo Campo da Feira. Este terreiro, achava-se embandeirado, destacando-se no lado sul, um pavilhão onde teve logar a distribuição dos premios e uma especie de galeria onde entrou o gado exposto. No lado norte, havia um corêto, onde tocou a conceituadissima banda Artistica d'esta villa. Pos volta da 1 hora da tarde, o local da exposição, offerecia um aspecto deveras singular. Apinhavam-se alli, segundo os calculos de pessoas competentes, 1:800 cabeças de gado! Alguns dos animaes expostos, causaram verdadeira admiração, pela notavel correcção das suas fórmas. Rarissimas vezes temos visto, n'esta villa, um mercado tão importante de gado, como o do dia 20 do corrente. As notaveis transacções, que, n'esse dia, se effectuaram, mostram claramente a importancia que revestiu a nossa ultima exposição de gado. Segundo nos affirmam alguns dos nossos mais importantes lavradores, o numero de juntas de bois vendidos foi superior a 250. Entre ellas destacava-se uma junta de bois de ceva, exposta pelo sr. José da Costa Neves, de Santa Christina de Malta, d'este concelho, que foi vendida por 400$000 réis! O sr. barão do Rio Ave, que tambem expôz 14 magnificas juntas de bois, vendeu duas juntas, segundo nos informam, por 700$000 réis. Eis a lista dos expositores premiados:

Bois de ceva:—1.º premio, José da Costa Neves; 2.º premio, barão do Rio Ave; 3.º premio, barão do Rio Ave.

Bois de trabalho:—1.º premio, barão do Rio Ave; 2.º premio, barão do Rio Ave.

Vaccas:—1.º premio, Antonio Joaquim Pereira; 2.º premio, Antonio Martins Moninhas.

Novilhos:—1.º premio, José Antonio Pereira; 2.º premio, Manuel Alves da Costa.

Ha a notar, que todos os expositores premiados pertencem ao nosso concelho, o que sinceramente nos alegra e nos ufana. O jury que fez a distribuição dos premios, era composto dos srs. Gaspar Martins Torres, Antonio Souza Dias e José Antonio de Souza.

A Banda Artistica, habilmente regida pelo sr. Mattos da Silva, tocou no corêto, até ás 8 1|2 horas da noite, chamando ao Campo da Feira muita concorrencia.

Um brasileiro amigo.—Quando no Brazil, o paiz irmão,souberam os primeiros rebates do conflicto com Portugal, hoje felizmente desapparecido, não faltaram em varios pontos da Republica, despeitados odientos e inimigos do nosso nome, que diligenciassem promover em nosso desfavor toda a casta de insanias. No Pará, a florescente cidade brazileira, celebrou-se uma reunião cujo fim seria o de decidir qual a attitude a tomar em face da questão, para com a colonia portugueza,que alli é importantissima. Houve alvitres de desaggravo, ideias de represalia e apostrophes violentas, dictados, queremos crêr, mais pela suggestão do momento, do que pela reflexão fria do acontecimento. Um medico brazileiro que assistia na assembléa, dr. José Paes de Carvalho, levantando-se nobremente, fez n'um improviso brilhantissimo não só mudar completamente a orientação da assistencia, como levantal-a n'um impulso de enthusiasmo e sympathia. Aquelle nosso amigo mostrou o colono portuguez como trabalhador infatigavel e indifferente a machinações de politica e demonstrou que no desejo de angariar fortuna os nossos compatriotas luctando por si enriquecem o paiz que lhes dá guarida, honrando-o como cidadãos livres, prestantes e honestos. O dr. José Paes de Carvalho, fez a seu curso de medicina em Lisboa, brilhantemente e foi condiscipulç de Cupertino Ribeiro e outros. E' agradavel relatar e conservar de memoria factos d'esta natureza que realçando quem o pratica, se reflectem vivamente no animo dos que ouvem e admiram.

PELO ESTRANGEIRO

O casamento da princeza Helena de Orléans.—O jornal *A Italia* dá as seguintes informações ácerca do proximo casamento do duque de Aosta com a princeza de Orléans:

«Foi na sua ultima viagem á Inglaterra, em uma caçada, que o joven duque de Aosta travou conhecimento com a joven e bella princeza Helena de Orléans, um typo ideal de amazona de grandes olhos azues. Este encontro foi como que a setta tradicional que atravessou o coração do joven duque que, no seu regresso á Italia não occultou as suas impressões á rainha Margarida, sua tia. Informado o rei Humberto da inclinação do principe, mostrou-se ao principio contrario a tal união, mas por intervenção da irmã, a rainha D. Maria Pia de Portugal, aparentada, como se sabe, com a casa de Orléans, reconsiderou e terminou por dar o seu consentimento.

Restava resolver outra questão, questão politico-religiosa,muito importante para a casa de Orléans, relativa á benção e consentimento do Papa a um casamento entre um principe de casa de Saboya e uma princeza da familia Orléans. Esta era tanto mais importante que, ao tratar-se do casamento da princeza com um principe da côrte ingleza, ella teve que renunciar a esse enlace para obdecer aos conselhos de Sua Santidade, que não podia approvar um enlace que obrigaria a princeza Helena a renunciar ao catholicismo. Mas todas as difficuldades foram aplanadas, graças á rainha D. Amelia de Portugal, irmã da futura desposada e que, na sua qualidade de afilhada de Leão XIII, escreveu ao Santo Padre uma encantadora carta que bastou para fazer vencer a causa dos interessados. O duque de Aosta está profundamente apaixonado pela bella princeza de Orléans, que lhe corresponde com igual affecto, pelo que se affirma.»

O novo ministerio hespanhol.—Annunciou já o telegrapho os nomes dos ministros que constituem o actual gabinete hespanhol presidido por Canovas del Castillo. Quasi todos os membros do novo ministerio já fizeram parte de outros, á excepção de tres que são Alberto Bosch, Navarro Reverter e Thomaz Castelhanos. Alberto Bosch, ministro do fomento, diz um jornal de Madrid, tem palavra facil, é engenheiro e advogado. Aos 27 annos foi eleito deputado e actualmente é senador vitalicio. E' um politico muito conhecido pelos seus talentos e aptidões.

Navarro Reverter, ministro da fazenda, é engenheiro distincto tendo regido as cadeiras de geodesia, mechanica e chimica na faculdade de mathematica. Pertence á escola proteccionista, ao serviço de cujas doutrinas tem feito ouvir sempre a sua palavra no parlamento hespanhol.

Thomaz Castelhanos é o ministro mais novo do actual gabinete. Tem 44 annos e tomou conta da pasta do ultramar. Possue uma das primeiras fortunas de Saragoça. E' banqueiro, industrial e agricultor em grande escala. Trabalha muito e é inimigo dos discursos retumbantes.

O «Reina Regente».—Ainda respeito do cruzador *Reina Regente* informou o ministro da marinha Pasquin, ao redactor de um jornal de Madrid, que o *Reina Regente* sahira de Tanger com vento sudoéste duro; que de differentes pontos de aquella cidade marroquina o seguiram com binoculos, tendo-se notado que o andamento do cruzador era difficil e penoso, navegando de vagar, a ponto de se crêr que soffrera avaria ou no leme ou nas machinas. D'uma para as 2 horas da tarde sobreveio um aguaceiro, acompanhado de um tufão. Desde então encobriu-se o horisonte, perdendo-se de vista o cruzador, que tinha a prôa com rumo a Cadiz. De Tarifa dizem que chegára alli um habitante de Bolonia, o qual se apresentou á capitania da marinha, declarando que um genro seu presenciára no dia 10 o desapparecimento de um navio de dous mastros e de grande porte,que navegava sem governo e com a prôa voltada para a terra. Acrescenta que se déra o noufragio a uma distancia de 5 milhas do sitio denominado El Neblo. A authoridade maritima ordenou que se apresentasse a testemunha presencial da catastrophe, para indagar o que possa haver de verdade em tudo o que declara.

— Dizem de Cadiz, em data de 24:

«A tripulação do *Affonso* XII, que fundeou na bahia ás 11 horas da manhã, declara que não encontrou vestigio algum do *Reina Regente*.De Tanger foi o *Affonso* XII a Mazagam, e d'alli fez-se de novo ao mar, a fim de precorrer a costa africana do oéste, n'uma extensão de 100 milhas. De noite fez o *Affonso* XII explorações com ajuda de poderosos fócos electricos. As familias dos tripulantes do *Reina Regente* já perderam todas as esperanças.»

Uma rainha aldeã.—A mãe do principe Nicolau de Montenegro, fallecida ha pouco, era uma camponeza da aldeia de Baizi, perdida nas montanhas do seu paiz, e morreu sem ter apprendido a ler e a escrever. Tambem passou uma boa parte da vida, levando ás costas, para as vender nos mercados proximos, cargas de lenha, emquanto o marido ganhava a vida, ciganando. Como chegou essa mulher a ser mãe de um principe reinante? Nada mais simples. Mirko, o marido de Stana Mirkowa, era, não obstante a sua pobresa e a sua profissão de contratado. de gado, parente do *vladika*, ou chefe principal da comarca. Por morte d'este, foi eleito chefe um irmão de Mirko, chamado Zeka, que tomou o nome de Damilo I e a quem primeiro a Russia e depois as outras potencias reconheceram com o titulo de principe de Montenegro. Com a nomeação do irmão, o antigo contratador de gado fez-se soldado, combateu valentemente os turcos, tornou se o grande caudilho do paiz e, quando foi assassinado Damilo I, collocou no throno seu proprio filho, o principe Nicolau, hoje reinante. A pobre aldeã das montanhas esteve quasi a ver uma sua neta czarina de todas as Russias. Tem netas tão formosas, que uma d'ellas casou com o grau-duque Pedro, outra é sua alteza imperial a duqueza de Leuchtenberg e outra, ainda não ha muito que teve todas as probabilidades, de se unir por casamento ao actual czar da Russia.

Os touros em Madrid.—A corrida de touros de domingo ultimo, na praça de Madrid, foi assignalada com varios incidentes. O bandarilheiro *El Loquillo* foi arremessado ao ar umas poucas de vezes, mas,por milagre, apenas soffreu contusões sem gravidade. O picador Montalvo deu uma tremenda queda de que lhe resultou uma commoção cerebral. Picalimas, colhido na ultima vez que toureou, esteve varios mezes em convalescença. No domingo toureava pela primeira vez e apanhou nova sova. Deu os primeiros passes sem nenhuma confiança, encolhendo-se e voltando a cara. Demorou-se em repetir e, quando afinal se resolveu a estender de novo o trapo, curvando-se indeciso,o touro arrancou-o, enganchando o pelo sovaco direito, atirou-o ao ar, deixando-o cahir pesadamente. Conduzido á enfermaria,viu-se que tinha um ferimento grave mas sem perigo de maior,não sobrevindo complicações. *Cayetanito* soffreu uma luxação na perna direita e até um conductor das mulas foi pisado por uma d'ellas. Apenas se destacou na corrida, demonstrando muita intelligencia e extraordinario calor,*El Chato*, de Zaragoza.

O temporal na Inglaterra.—Com respeito ao temporal que ultimamente se desencadeou na Inglaterra, dão-nos de Londres os seguintes pormenores:

«A tempestade que se desencadeou soáre quasi toda a Inglaterra póde equiparar-se pela sua violencia a um verdadeiro cyclone. Foi na parte suéste das Ilhas Brittanicas que causou os maiores estragos, devastando os campos, derrubando arvores e fazendo trasbordar os rios. Foi no domingo que attingiu a sua violencia maxima.

Em Londres, no East-End, desabaram varias casas, victimando algumas pessoaes. No Strand desabou uma chaminé, que feriu mortalmente um transeunte. Quasi no mesmo sitio, duas damas ficaram gravemente feridas pela quéda de um beiral de telhado. Desmoronou-se a igreja de S. Thomaz de Shepherds Bush, quando alli se estavam celebrando officios divinos.

Em Banbury foram retiradas duas damas dos escombros da propria casa. A cathedral de Peterborough soffreu bastantes estragos por causa do temporal. Em Bristol, uma arvore esmagou duas creanças. Suppõe-se ter havido bastantes naufragios na costa da Inglaterra.

Ainda o «Reina Regente».—A historia do desapparecimento d'este navio de guerra continua a ser problema. Que noufragou e com elle cerca de 400 marinheiros, é fora de duvida, como o facto se realisou ignora-se completamente. Ha um pormenor profundamente dramatico na catastrophe. A mulher do contramestre d'aquelle barco acaba de enlouquecer, tão intensa foi a dor soffrida com esta desgraça. A pobre mulher tem nada menos que doze filhos! Outro pormenor tambem commovente é este: averiguou-se que além dos tripulantes do barco ha a lastimar mais uma victima. Era um rapaz que se dirigia a Cadiz para assistir ao lançamento á agua do cruzador *Carlos V*, e que, apaixonado pelas coisas maritimas e amigo de varios officiaes do *Reina Regente*, acceitára o convite que estes lhe fizeram de os acompanhar na curta viagem a Tanger. O mais triste é que a mãe d'este mancebo ainda ignora que seu filho seguira no cruzador cuja perda se deplora.

A proposito do naufragio encontramos n'um dos mais importantes jornaes madrilenos uma curiosa relação das mais importantes perdas que tem soffrido a marinha hespanhola desde o seculo XII até á presente data. Os maiores desastres occorridos são, pois, os seguintes. O acontecido em 1518 na esquadra commandada por D. Hugo de Moncada contra Argel, da qual se perderam 30 barcos e mais de 4:000 homens; o occorrido em 1541 na esquadra enviada pelo imperador Carlos V contra Argel tambem, e que custou á Hespanha 140 embarcações e uns 8:000 homens; o que occasionou a perda de 20 barcos da esquadra commandada pelo general Mendoza para o soccorro de Oran, em 1562, perdendo-se mais de 4:000 homens, incluindo o general Mendoza. Os 15 navios perdidos em 1463 na bahia de Cadiz por causa d'um forte temporal; os 81 barcos de todos os lotes que dos 130 da *Armada Invencivel* se perderam em 1588, perecendo mais de 14:000 mil marinheiros e soldados; de 14 navios da frota commandada pelo almirante D. Antonio Navarro em 1599, perto de San Juan de Ulua (Mexico); metade dos barcos do Adiantado de Castella D. Martin de Padilla, de 80 vasos de guerra em 1569 perto das costas da Galicia, onde se afogaram muitos milhares de homens; a perda de 10 barcos da armada, sob as ordens do marquez de Santa Cruz, que occorreu na ilha de Corsega, com morte de 2:000 soldados e de quasi toda a marinhagem e a perda de quatro navios e uma fragata da esquadra commandada pelo general D. José Pizarro em 1741 contra os inglezes, perecendo cêrca de 150 homens. Nos ultimos 125 annos, de que ha mais meios de comprovação perderam mais de 12 navios de guerra a vapor, 21 navios com 1:570 canhões e mais de 1:000 pessoas afogadas, 23 fragatas com 800 canhões e 2:000 victimas, e mais de 100 entre bergantins, canhoneiras,goletas, corvetas, palhabotes, etc., com innumeras desgraças pessoaes.

N'este mesmo periodo de tempo, relativamente curto, pereceram em naufragios, entre o pessoal dos chefes e officiaes da esquadra hespanhola,um contra-almirante, seis capitães de fragata, 19 capitães-tenentes, 17 primeiros tenentes, 23 segundos tenentes e uns 50 entre capellães, medicos e outros não combatentes da marinha.

Os acontecimentos do Brazil.—Segundo um despacho do correspondente do *New-York Herald* no Rio de Janeiro, o governo brazileiro, em presença da attitude do governo italiano, consentiu submetter á decisão de arbitros uma parte das reclamações apresentadas pelos subditos italianos que soffreram prejuizos durante a ultima guerra civil.

Austria-Hungria. — O reitor e os sete professores da Universidade de Junsbruck que tinha assignado uma mensagem de felicitação ao principe de Bismarck, viram-se forçados a retirar as suas assignaturas d'esse documento, para não tomar parte n'uma manifestação que fazia duvidar do seu patriotismo. A emoção provocada na população do Tyrol por esta demonstração de sympathia feita a Bismarck foi extraordinaria e a imprensa fez apreciações muito severas do facto, O ministro da instrucção publica foi prevenido do effeito que produzira a manifestação que os tyrolezes julgavam contraria aos sentimentos austriacos e á casa de Habsbourg, e mandou chamar a Vienna o reitor da Universidade d'Insbruch. Foi depois d'esta viagem que os professores retiraram as suas assignaturas da mensagem.

Os inglezes em Chitral.—Sabe-se pelo que annuncion o telegrapho que uma columna de tropas inglezas soffreu um importante revés no Chitral, Indias inglezas. O capitão Ross, com 54 homens, foi atacado pelos indigenas, que, não contentes de fazer fogo de todos os lados lançaram grandes penedos no valle de Boni, por onde passava o destacamento esmagando assim muitos dos soldados. O tenentes Jones, gravemente ferido pôde escapar com 14 homens. Na India não faltam inquietações sobre o resto de um destacamento de 20 sapadores, commandado pelos tenentes Flowler e Edwards, em soccorro do qual marchava o capitão Ross. O governo anglo indio está preparando uma expedição de 14:000 homens, tendo já enviado reforço de Gilgit, que é o porto inglez menos afastado do Chitral.

Jack o estripador. — Crê-se no Transvaal que o célebre Jack o estripador transferiu para aquella republica africana o theatro das suas proezas sangrentas. A cidade de Johannesburg julga até que tem entre e numero dos seus habitantes o famigerado *operador* de Whitechapel, por se terem alli commettido seis assassinatos. Primeiramente appareceram mortos e mutilados quatro negros,mas como eram gente de côr, este acontecimento não causou grande impressão. Dias depois dous europeus soffreram durante a noite a mesma sorte, não sendo evidentemente o roubo o mobil d'aquelles crimes, porque nenhuma das victimas fôra despojada do dinheiro que possuia. O governo de Transvaal offereceu 1.350$000 a quem dér indicações que permittam o descobrimento do assassino, e os habitantes de Johannesburg tambem estão promptos a dar 4.500$000 a quem conseguir prendel-o.

A caminho do cadafalso. — Os jornaes de Madrid publicam um despacho de Cuenca em que se diz que chegaram a Priego dous réus de morte,chamados Mariano Castro e Justo Racionero, que juntamente com outros tres, dous dos quaes falleceram na cadeia e outro foi indultado, assassinaram barbaramente uma pobre mãe e quatro filhos. Ao passarem por Villalba, o marido e pai das victimas, entre angustiado e colerico, offereceu 6:000 reales (270$000) para que o carrasco lhe cedesse o lugar, a fim d'elle proprio executar os que lhe assassinaram a mulher e os filhos. Os condemnados seguiram o seu caminho, um abatido e o outro sereno e audaz. Foram postos de oratorio na segunda-feita e deviam ter sido justiçados no dia 27 do corrente. Em Priego a chegada dos condemnados foi presenceada por grande multidão, que observou a maior ordem e silencio.

Morte de um sportman.—Morreu em Cannes o conhecido *clubman* conde Edmundo de Pourtales. O seu palacio da rua de Tonchet encerra uma das mais ricas collecções de objectos d'arte que existem em Paris. O conde de Pourtalés pertencia a uma familia franceza que emigrou para a Prussia quando foi revogado o edito de Nantes. Foi um *habitué* da côrte das Tulherias, bem como a esposa que era de deslumbrante belleza. Em 1870, o conde de Pourtalés commandou os moveis no cerco de Strasburgo, sendo condecorado, pelo valor que mostrou, com a cruz da Legião de Honra.

No seu posto até á morte.—Um soldado d'um regimento de infanteria da guarnição de Berlim, ao ser rendido da sentinella, apresentou se ao official commandante declarou-lhe que se havia suicidado.

Com effeito despido o soldado, viu-se que fôra varado por uma bala de espingarda que entrára pelo peito e saira pelas costas. E apesar d'isso esperava-se salvar o infeliz, porque a bala felizmente não feriu nenhum orgão essencial á vida.

Um excentrico.—Recentemente, na *Frize*, foi encontrado morto um sujeito que, durante trinta annos, levou uma vida das mais originaes e extravagantes. Installára-se na floresta de Legahiran, habitando uma caverna e alimentando-se de raizes e de hervas. Quando lhe descobriram o refugio, mudou de logar, indo encontrar um outro nas mesmas condições, mas em local diverso e distanse. Esse homem, que recebeu uma educação primorosa e brilhante, foi encontrado na alludida floresta, morto, como acima dizemos, devido á acção dos ultimos rigorosos frios.

Horrivel desabamento.—Na aldeia de Titel, sobre o Theiss, na Austria-Hungria, havia uma estalagem que era muito frequentada, especialmente por viajantes. Essa estalagem desabou subitamente, na noite de sabbado ultimo, tendo n'essa occasião grande numero de hospedes. A' data das ultimas noticias, já tinham sido extrahidos de 12 cadaveres.

Novo torpedeiro submarino.—O sr. Seymour Allan, residente em Sydney, Australia, acaba de inventar um torpedeiro submarino susceptivel de navegar a qualquer profundidade, e de ser governado debaixo da agua do mesmo modo que se se encontrasse á superficie, sem que a sua presença possa ser notada. Fizeram-se já em Melbourne algumas experiencias com um modello d'esse torpedeiro, na presença de grande numero de officiaes de marinha, que deram um excellente resultado. O modello afundou-se, voltando á superficie, evolucionou, reviron-se, obedecendo sempre á corrente electrica que o movia. Diz o inventor que o torpedeiro poderá permanecer debaixo d'agua durante tres dias consecutivos e conduzir torpedos á prôa e á pôpa. A especialidade caracteristica do torpedeiro é pois esta: durante a acção os projecteis serão magneticamente attraidos contra o fundo dos navios inimigos pelos proprios navios. O almirante commandante da estação de Melbourne declarou que o torpedeiro, se funccionar como o modelo, virá fazer uma verdadeira revolução na guerra naval. E' o que se espera.

As bandas de musica em Londres. — Affirma um correspondente que se trata de adoptar em Londres o que já é usual em quasi todas as cidades da Europa, isto é, que toquem as bandas militares nos jardins publicos. A titulo de experiencia tocarão todos os dias, mas por emquanto só no Hyde Park, as bandas militares que fazem parte da guarnição de Londres. Para que as severidades dominicaes inglezas não sejam desattendidas, aos domingos não haverá musica.

As flôres na Allemanha. — O commercio das flôres na Allemanha tem adquirido ultimamente grande importancia, sendo considerada a sua cultura como uma das mais productivas n'aquelle paiz. O costume impõe que se offereçam flôres por qualquer causa festiva. O cavalheiro que vai visitar uma senhora ou que é convidado a algum jantar, tem que levar um ramo de flôres á dona da casa. Não ha baptisado, communhão, casamento, emfim qualquer acontecimento mais importante da vida, em que não se apresente grande profusão de flôres. O resultado d'este costume é haver, sobretudo em Berlim, grandes estabelecimentos para a venda de flôres, tendo chegado a arte da floricultura ao seu ponto mais culminante.

Trabalho muscular.—O dr. Bucheister occupou-se ultimamente d'este objecto, tratando de um lar, e fez as seguintes curiosas observações:

«Suppondo que um homem, pesando 75 kilogrammas, sobe a altura de 7:000 pés (2:135 metros) acima do nivel do mar, realisará um trabalho de 160:000 kilogrammetros (*1*), que será effectuado principalmente pelos musculos das pernas, sem que deixem de funccionar os da região cardiaca, encarregado de produzir a circulação do sangue nas veias e arterias. A velocidade inicial transmittida ao sangue será de 45 centimetros por segundo, aproximadamente, e representará, levando em conta o volume do sangue que circula a cada pulsação, um trabalho de 55 kilogrammas. Um adulto tem cerca de 62 pulsações por minuto, mas em quanto que o observador opera ascensão, o numero d'aquellas augmentará consideravelmente.

Suppondo, para facilitar o calculo, que o coração humano dá 100 pulsações por minuto, o trabalho da circulação durante o tempo da subida que se calcula em cinco horas será de 16:500 kilogrammento, a que é preciso accrescentar o trabalho que os musculos respiratorios executam, que póde calcular-se em 55 kilogrammetros por cada aspiração. Logo 25 aspirações d'ar representam 4:125 kilogrammetros. D'onde se deduz que o trabalho effectuado durante as cinco horas d'ascensão deve orçar, pelo menos, por 180:000 kilogrammetros. A isto ha ainda a accrescentar o trabalho necessario para vencer as asperezas do terreno, os esforços para conservar o equilibrio a grandes alturas o trabalho realisado para andar com botas altas, pau ferrado, para se sustentar no gêlo, etc.

Tendo em conta todos estes trabalhos, cujo calculo exacto não é muito facil, o dr. Bucheister declara que uma subida durante cinco horas a uma altura de 2.135 metros representa 190 mil kilogrammetros, correspondentes a 10,5 kilogrammetros por segundo.»

Historia de dois burros e de um milionario.—Banato, mineiro na Africa Austral, ha vinte annos tinha apenas de seu 6$950 réis e estava n'um circo de lona e taboas, em companhia de dois burros. Barnato fazia de *clown* e um bello dia elle, o director do circo, a mulher do patrão e os dois burros sabios foram parar a Kimberley, a cem kilometros da cidade do Cabo, com o fim de darem algumas funcções. Deram, mas poucas, já se vê, porque não ha *clown* que tenha alegria e graça, não tendo dinheiro, nem ha burros,por mais sabios que sejam, capazes de provar os seus talentos, faltando-lhes a palhada. Uma bella noite o director do circo e a mulher desappareceram, deixando Barnato na silenciosa companhia dos dois burros. Barnato reflectiu que o unico partido que tinha a tirar das duas alimarias era passear n'ellas pelos arredores de Kimberley, o que fez, montando alternadamente os rocinantes para não abusar d'elles. Era uma maneira como outra qualquer de enganar a fome. Certo dia viu brilhar no chão, n'um terreno baldio do Estado, um objecto do qual jorrava intensa luz. Parou o burro, apeou-se, pegou no objecto e examinou-o... Era um formoso diamante. Barnato, tirou o chapeu, deu primeiro graças á providencia e depois, como não tinha á mão mais ninguem para compartilhar da sua alegria, por um movimento irreflectido abraçou o burro, que ficou impassivel com esse affectuoso testemunho. Regressando a Kimberley, Barnato tornou a contemplar o diamante e... zangou-se. Seria bom? E ficou meditabundo com a preciosa pedra na mão esquerda e o dedo index da direita mettido na bocca, na attitude das pessoas que não sabem o que hão-de resolver. Por fim decidiu-se a procurar um mineiro entendido no assumpto e mostrou-lhe a pedra.

— Isto que é?

— Um formoso diamante.

— E quanto póde valer?

— Nove contos de réis.

Essa quantia representava para elle o principio da fortuna e para os burros um futuro de cevada e palha regularissimo. Barnato calou-se, participou aos *companheiros* a sua descoberta, tornou com elles ao campo e regressou com mais pedras, que vendeu por preços assombrosos. Depois associou se com o mineiro e no fim de tres annos já era millionario. Mais tarde adquiriu as minas de ouro do Cabo e em menos de dez annos a sua fortuna elevou-se a seiscentos milhões de dollares. O que não se sabe é o que o millionario fez dos dois burros.

Varias noticias. — Em Athenas foi preso um inglez que estava marteilando uma das frisas do Pantheon, para levar algum bocado como recordação.

— Realisou se em Paris a tradicional festa da *mi caréme*, com verdadeira pompa. O cortejo que se organisou com os carros das rainhas, era grande, percorrendo diversas ruas,onde se agglomerára enorme multidão.

— Em Grenoble conseguiram sahir das jaulas em que estavam encerradas duas pantheras, que faziam parte de uma collecção de feras. Imagine-se o panico. Uma das pantheras lançou-se a um cão e estrangulou-o; a outra, passando através de um grupo de gente, correu atraz de uma creança de 12 annos, que fugia, alcançou-a e cravou-lhe as garras no pescoço. Foi salva pelo dono da féra, mas parece que a ferida que recebeu é grave. Depois de algum trabalho, as duas pantheras foram recolhidas ás jaulas.

— Chegou ultimamente a S. Petersburgo o célebre millionario americano Vanderbilt, que está disposto a atravessar toda a Russia da Europa como simples excursionista.

—O governo japonez chamou dois officiaes que estavam na Russia aperfeiçoando-se na arte militar. Estes officiaes ainda vão tomar parte na guerra chino-japoneza.

— Em França trata-se de indagar em que anno e qual o horticultor que obteve essa magnifica variedade de rosas que se denomina *Marechal Niel* e que todos os amadores conhecem.

SECÇÃO AGRICOLA

O ARVOREDO E A VINHA

E' de presumir que a reconstituição das vinhas em Portugal se opere rapidamente, dentro de poucos annos. A prompta diffusão das castas americanas, o reconhecido esmero com que progressivamente a cultura se vae fazendo, e ainda o interesse dos lavradores, que com tamanha evidencia se manifesteu no ultimo congresso viticola, — estes e outros elementos que por muito sabidos é desnecessario enumerar, promettem um prompto alargamento da cultura da vinha. Urge, portanto, pensar maduramente na maneira de constituir os novos vinhedos, para evitar os erros que tanto prejudicaram as antigas vinhas destruidas pelo phyloxera.

Ouvi discutir no congresso, e até com certo calor, os perigos para a economia nacional de estender a cultura da vinha nos terrenos proprios para a producção dos cereaes. Os mais timoratos iam mesmo até pedir a intervenção do estado na distribuição das culturas, até á restauração do systema pombalino. Ora sempre que ouvi fallar sobre o assumpto, que reconheço ser de superior magnitude, parece-me que se esquecia uma segunda face do problema, não menos importante. Se é um erro de graves consequencias para a economia nacional povoar de vinhas os terrenos proprios para pão, não é de menor alcance para a economia agricola levar a vinha aos cerros agrestes, só adquados á cultura florestal. Uma das causas da rapida extincção das vinhas em muitas regiões foi a sua desmedida extenção, alargando-as por montes e encostas, sem profundidade, com excessiva inclinação, despidos de vegetação, e, por conseguinte, ora lavados por chuvas torrenciaes ora abrazados por um sol ardente que nada moderava. Só o arvoredo podia e devia razoavelmente cobrir essas terras, só elle permitte tirar d'ellas proveito.

As vantagens são manifestas.

Lucra a vinha pelas modificações climatericas consequentes, cujos effeitos a cada passo podemos observar. Durante dez annos, estudei de perto

(1) Intende-se em mechanica por kilogrametro a quantidade de trabalho capaz de elevar á altura d'um metro o peso d'um kilogramma. O kilogrammetro é a unidade da medida do trabalho das machinas e dos motores. Um cavallo-vapor é avaliado em 200 kilogrammetros: uma calaria é equivalente a 425 kilogrammetros.

duas vinhas, uma de um hectar, entre mattas, a outra de dez hectares, n'uma charneca, sem abrigo de arvoredo; pois na primeira a colheita foi sempre proporcionalmente maior e a percentagem saccharina das uvas superior, apezas dos terrenos serem de qualidade aproximada. Em meio d'essa mesma vinha de dez hectares havia uma nascente d'agua e uma toiça de bambus, e ao lado d'este, tres canteiros com hortaliças; no verão só prosperaram as que tinham o abrigo dos bambús, posto que todos tres estivessem em condições de terra e tratamento absolutamente iguaes.

E lucra o lavrador. Essas encostas aridas nunca podem supportar uma vinha remuneradora, emquanto plantadas de arvoredo beneficiam as culturas visinhas e dão um rendimento em mattos, estacas, lenhas e madeiras de construcção incomparavelmente superior ao da vinha.

Na estreiteza que as proporções de esta publicação impõe, deixando á perspicacia do leitor o desenvolvimento do meu pensamento resumil-o-hei, dizendo: quizera que, na reconstituição dos vinhedos, se creasse um typo de cultura em que as vinhas ficassem emoldauradas entre arvores e arbustos, tendo em consideração as circumstancias naturaes do terreno e observando particularmente as distancias necessarias á boa vegetação da videira.

(Revista Florestal).

NOTICIARIO

Expediente.—Em consequencia de ser um pouco extensa a *Carta politica* que hoje publicamos, fica de remissa para o nosso proximo n.º o VI artigo sobre a *Reforma administrativa.*

Notas da carteira.—Passou na quarta-feira ultima o anniversario natalicio do nosso presado amigo e illustrado engenheiro da camara municipal do Porto, sr. João Carlos d'A. Machado. Sua ex.ª, que esteve aqui até ante-hontem com sua ex.ma esposa, recebeu n'esse dia a affectuosa visita de seu filho e brioso official do exercito, sr. João Carlos Machado Côrte Real.

— Estiveram aqui ha dias, os nossos amigos, srs. Agostinho Nunes da Silva, zeloso secretario da camara municipal de Oliveira d'Azemeis, e Ferreira da Encarnação, acreditado negociante alli estabelecido.

Na corbeille da noiva.—Com este titulo publicámos no nosso n.º commemorativo do anniversario de João de Deus a formosissima poesia que o nobre governador civil d'este districto, sr. visconde d'Alemquer, expressamente escreveu para esse n.º do nosso jornal. E porque tal publicação foi do melhor que por essa occasião se fez, porque a explendida producção poetica captivou a quantos a poderam ler, o *Correio da Manhã*, e outros collegas da imprensa que primam pela escolha dos escriptos com que de vez em quando brindam os seus leitores, reproduziram-a nas suas columnas, mas nem porisso citaram a procedencia. Não vae porisso mal a ninguem; mas parece que por um principio muito attendivel de lealdade, ficava bem a citação. Isto vem a proposito d'uma amabilidade que aquelle collega nos dirigiu em tempo, porque d'elle tomámos uma simples noticia de pouco interesse.

Fallecimento.—Um novo golpe acaba de ferir o coração amantissimo d'um esposo exemplar. O sr. Elyzio de Oliveira e Silva acaba de perder sua extremosa esposa a sr.ª D. Laura Emilia Alves de Sousa e Silva.

A illustre extincta soffria ha muito d'uma affecção pulmonar, agora agravada pela perda de seu extremoso pae o sr. Joaquim José Alves de Sousa, cujo fallecimento se verificou ainda ha dias. A sua dôr moral foi tão profunda que a consequencia foi a morte em seguida á de seu honrado pae.

Filha, esposa e mãe virtuosissima, o seu finamento é mais um golpe profundo no coração do marido que tanto a estremecia. E porque a virtude tem cabida ao lado de Deus, lá está quem tantas qualidades distinctas possuia.

Ao seu desolado marido enviamos d'aqui a expressão sentida da nossa dôr.

Sociedade de geographia.—Foi eleito socio d'esta prestante instituição nacional, o nosso sympathico amigo e dignissimo escrivão e tabellião de direito, sr. Raul Hernani Cesar de Sá. Folgamos com a distincção, tanto mais que, sendo o novo associado um dos mais illustrados funccionarios do ultramar, póde alli prestar utilissimos serviços á sociedade de geographia e ao seu paiz. Os nossos parabens ao agraciado e á patriotica associação.

Arrematação.— Na secretaria da camara municipal d'este concelho, procedeu-se ante-hontem á arrematação do fornecimento de artigos de vestuario para as duas secções do *Asylo-Escola Districtal.* Com esta fórma de administração, que é sem duvida a mais util e correcta, tem a camara lucrado centenares de mil réis.

Grande deposito de sulphato de cobre e de pulverisadores.—Sob o titulo que precede estas linhas publicamos no logar competente um annuncio para que chamamos a attenção dos nossos viticultores, pois sabemos que ninguem póde fornecer aquelles objectos nem mais em conta nem de melhor qualidade. Affirmamol-o.

Egreja de S. Domingos.—Por ordem do venerando prelado d'esta diocese, deve hoje ser levantada a interdicção á egreja de S. Domingos d'esta cidade.

Feira de Março.— O rendimento bruto da feira, para a camara, foi este anno muito superior ao do anno proximo findo.

Brinde.—O nosso estimavel collega do *Elvense*, acaba de distribuir aos seus assignantes um elegante volume de contos, entre os quaes se encontram algumas producções litterarias de merecimento. Agradecemos a amabilidade da offerta.

Movimento bancario—A *Correspondencia de Coimbra*, accusando a recepção do relatorio do Banco de Portugal, diz o seguinte:

«Temos debaixo dos olhos o relatorio do Banco de Portugal, que é um documento honrosissimo para os seus directores e não o é menos para os zelosos e intelligentes directores d'agencia do mesmo Banco de Portugal em Coimbra. As agencias de Aveiro, Beja, Braga, Castello Branco, Guarda, Horta, Portalegre, Santarem, Vianna do Castello, Villa Real e Vizeu, todas reunidas, não deram os juros e lucros d'agencia de Coimbra, que foram na importancia de 23:403$445 réis.

A somma dos 12 districtos acima referidos não deram aquella importante quantia, que se realisou sem uma letra protestada! Braga que se quer impôr como terceira cidade do reino deu de lucros e juros 3:289$543 réis.

Os gastos e encargos d'esta mesma agencia foram de 4:326$216 réis.

Os gastos e encargos da agencia de Coimbra, que deu os lucros de 23 contos, numeros redondos, foram de 4:821$410 réis. O maior elogio e o mais eloquente para os intelligentes directores da agencia de Coimbra, srs. commendador Ricardo Loureiro e Joaquim Augusto de Carvalho e Santos está no mappa indicativo da situação das principaes agencias do reino do mesmo relatorio. Recebam os infatigaveis e dedicados agentes os nossos parabens.» —diz a *Correspondencia.*

E' muito auspiciosa certamente a situação da agencia do banco de Portugal em Coimbra. Se em Aveiro podesse haver o movimento de desconto que ha n'aquella cidade, desconto devido ao importante commercio que alli effectua as suas transacções, que é, póde dizer-se, o de toda a Beira Alta e ainda o da Figueira, não seria menos importante o movimento aqui; e de o não haver tão avultado não teem culpa os srs. agentes, que não difficultam descontos quando os consideram no caso de se fazerem convenientemente.

Estes são os factos que a verdade manda dizer. Coimbra desconta mais pela sua importancia commercial e pelo movimento que alli se effectua d'outros pontos: isso e só isso.

Na feira.—Concorreram n'este anno á feira de março d'esta cidade, segundo a estatistica municipal, 18 expositores de quinquilherias, 2 de louça fina, 1 de cutileria, 3 de instrumentos de corda, 4 de relojoaria, 6 de cobertores, 18 mercadores, 4 de toalhas e guardanapos, 4 retrozeiros, 14 de fazendas brancas, 11 de ourivesaria, 12 algibebes, 6 guardasoleiros, 1 de ferragens, 11 chapelleiros, 2 caldeireiros, 3 correeiros, 20 sapateiros, 4 tamanqueiros, 4 de rendas, 14 de mobilias, 3 serralheiros, 5 casas de pasto, 2 cafés e restaurantes, 1 barracão de divertimentos e 40 vendedores ambulantes, estes até á presente data.

Kiosque.—O sr. Antonio de Sousa, mestre d'obras n'esta cidade, pediu á camara licença para collocar um kiosque na antiga Praça da Fructa, onde tenciona vender tabacos, bebidas, etc. A planta accusa a circunferencia de 3 metros de terreno. A construcção é bonita e elegante.

Sardinha. — Entrou n'esta cidade uma chalupa com sardinha fresca, que tem tido grande consumo.

Colheita.—O sr. visitador do sello, que ha pouco aqui esteve, tem feito boa colheita por outros pontos. Em Oliveira do Hospital aprehendeu ao negociante Antonio Augusto do Amaral um livro por sellar, impondo-lhe por isso a multa de 282$000 reis. O multado tem fabrica de phosphoros.

Obito.—Falleceu em Idanha a Nova o sr. Jeronymo d'Almeida Ercio, administrador alli da importante casa do sr. M. Vaz Preto Geraldes.

Tentativa d'assassinato.—No Porto acaba de dar-se um facto grave. Um negociante de Villa Nova, o sr. Victorino Cardoso Valente, é accusado de tentar contra a vida de seu filho mais velho, já negociante, e de tentar por meio de envenenamento sendo cumplice na tentativa um antigo serviçal seu. Como o sr. Cardoso Valente occupa no commercio uma posição rasoavel, o facto torna-se por isso mais notado, e tem sido assumpto da mais curiosa espectativa no Porto e em Villa Nova. E' provavel que nem tudo seja como se conta, e por isso esperamos novas informações para mais detidamente esclarecer os nossos leitores.

Egreja vaga.—Está vaga uma das melhores abbadias do paiz. E' a de Real, no concelho de Amarante, que além d'outros benesses, ainda conserva um passal avaliado em perto de 15:000$000 reis.

CARTA DE LISBOA

29 DE MARÇO DE 1895.

A nova reforma eleitoral vae em fim apparecer, pois que já hontem foi assignada. Os principios em que se bazeia moldam-se pelas regras da mais extraordinaria reacção. Em 1700 podia admittir-se o que El-Rei nosso Senhor agora decreta. Em 1895 lê-se isso com a maxima repulsão. Notando as suas disposições, um dos jornaes mais bem informados de Lisboa diz:

«São supprimidas as minorias: fixa-se em um por cada colonia o numero de representantes das provincias ultramarinas; estabelecem-se disposições extraordinarias sobre incompatibilidades; limita-se o voto, etc... O numero de circulos é egual ao numero de districtos administrativos; são eliminadas as candidaturas por accumulação; a eleição em cada districto é feita pelo systema de escrutinio por lista, conforme antigamente se usava em França; a votação é feita em globo em cada circulo; os deputados são tantos quantos os actuaes representantes nas côrtes, mas divididos por categorias e proporcionaes ao numero de eleitores da cada circulo; tem maior representação a agricultura, e menor a dos empregados publicos; os deputados serão os candidatos mais votados em relação a cada categoria, por districto; só serão eleitores os individuos de mais de 25 annos, com os direitos politicos consignados na lei actual; as actuaes commissões de recenseamento são substituidas por outras de tres membros; a principal incompatibilidade refere-se aos directores de bancos e companhias.»

E tudo assim pouco mais ou menos.

— El-Rei partiu hoje para as Vendas Novas. Vae assistir á experiencia das novas armas de guerra. Acompanham-o sua alteza o sr. infante D. Affonso e grande numero de officiaes militares de differentes armas.

— O *Correio da Noute* publica hoje uma nova carta do distincto general Malaquias d'Almeida, que está produzindo aqui notavel effeito, que o ha-de produzir em todo o paiz e não menos no exercito. A carta é um modelo de bom senso e de nobreza, d'esta nobreza de que poucos uzam, mas que todos acatam. Afinal uma 2.ª junta, de dois medicos militares—apenas de dois!—julgou de novo incapaz de serviço o brioso e valente general. A carta é um exemplar de isempção, que sentirei se não poder ser publicada no n.º d'ámanhã. O conceito geral que d'ella se forma é, de que ainda ha militares dignos no exercito portuguez e em larga escala, porque como o illustre general ha ainda mais e essa convicção enche-me de prazer.

— Muito de proposito tenho deixado de lhe fallar do leilão dos riquissimos haveres mobiliarios do sr. Fernando Palha. Causa dó o que se vê. O que produz o desnorteamento moral de um espirito aliás lucidissimo! E não se produz aquelle facto por infortunio, por caso occorrente que motive a carencia de meios. Desvio do verdadeiro caminho na parte moral, apenas. Caso muito para lamentar. O leilão, porém, tem tido um grande successo. Os objectos teem alcançado preços relativamente fabulosos. O que até hoje se vendeu tem produzido mais de 35:000$000 reis, e ainda se não vendeu a livraria, que deve ascender a uma cifra valiosa. Para a provincia vão objectos importantes. O sr. Ayres de Campos é quem tem comprado mais, propondo se ainda levar mais longe, agora que está em Lisboa, a somma das suas acquisições.

— A ultima Ordem do Exercito contém um documento importante. E' o que se refere ao castigo infligido a um official dos que foram na anterior expedição e que diz:

«Communicando o commissario régio na provincia de Moçambique ter mandado regressar ao reino o capitão do regimento n.º 2 de Caçadores da Rainha, Antonio Bernardo Pereira Cabral, por julgar nocivo á disciplina que elle continuasse a fazer parte das forças expedicionarias em Lourenço Marques, por isso que o referido official não só discutia em publico as decisões dos seus superiores, procurando crear attritos á execução das ordens dadas, mas tambem porque, na marcha para Marracuene, tentou influir no animo dos seus camaradas para que não passassem além de Anguáue; e ainda porque, tendo declarado achar-se incapaz de serviço, foi para bordo do vapor *Neves Ferreira*, depois do combate de Marracuene, sem ter absoluta necessidade de o fazer, e só para se eximir ao dever de acompanhar a força do seu batalhão no regresso para Lourenço Marques; o que tudo constitue não só um procedimento altamente reprehensivel; mas um attentado á disciplina militar, á dignidade da profissão das armas, ao bom nome do exercito, e designadamente ao das forças expedicionarios, com cujo procedimento levantado e nobre contrasta tão desgraçadamente o d'aquelle official; usando da competencia que me confere o artigo 53 do regulamento disciplinar de 5 de julho de 1894: determino que seja imposta ao capitão Antonio Bernardo Pereira Cabral a pena de doze mezes de inactividade temporaria, que cumprirá no forte da Graça, por ter infringido os deveres militares expressos em os n.os 4, 20 e 42 do artigo 1 do regulamento disciplinar, aggravada nas infracções pela circumstancia expressa no n.º 2 do artigo 4 do mesmo regulamento. Secretaria de estado dos negocios da guerra, em 22 de março de 1895. — *Luiz Augusto Pimentel Pinto.*»

Ha quem duvide da legalidade d'este ukase, mas emfim com um tal governo tudo pode ser.

— O *Diario* publica hoje o decreto reorganisando o serviço de pescarias. A antiga commissão de pescarias passa a denominar-se *commissão central de pescarias*, e funccionará junto ao conselho do almirantado havendo tambem em cada departamento maritimo do continente uma commissão departamental de pescarias e junto de cada uma das capitanias do continente e ilhas uma commissão local de pescarias. Aveiro terá a que lhe compete.

— O governo acaba de tomar uma providencia que se julgava necessaria. As loterias da Mizericordia serão apenas tres por mez, os bilhetes não terão custo superior a 6$000 reis, e a secretaria terá de vender aos cambistas e revendedores todos os bilhetes que estes lhe pedirem. D'este modo terá de cessar talvez a venda a retalho na secretaria, pois que os cambistas tomarão toda a emissão.

— A policia do porto capturou hoje a bordo do vapor allemão *Belgrano*, por pretenderem seguir viagem para o Brazil, com passaportes que lhes não pertenciam, Antonio de Moraes Dias, Francisco Luiz, Carolina de Jesus e Rosa de Jesus. Os tres ultimos figuravam no passaporte conferido ao primeiro, com os nomes de seus filhos, Albino, Anna e Rozaria. São todos do concelho de Cantanhede. A bordo do mesmo vapor foram tambem presos José Antonio da Silva e sua mulher Maria de Jesus com passaportes falsificados e lavados por um novo processo chimico; e ahi se inscreveram com os nomes de Albino Gomes da Costa e Angelica Teixeira. Pelo mesmo motivo foi tambem capturado Antonio Ferreira com o nome de Avelino Teixeira, e seu filho Manuel com o nome de José. Estes são de Villa Real. A bordo foram apprehendidos alguns passaportes que soffreram a operação da lavagem, mas os donos não se dignaram apparecer. Foram enviados ao governador civil de Villa Real para seu conhecimento. Já não são os primeiros que se teem apprehendido falsificados por este systema.

— Vae ser concedido o uzo obrigatorio de capa e batina aos estudantes da academia de Lisboa, satisfazendo-se assim ao desejo de muitos que o requereram.

— Por motivo de doença, acabam de ser concedidos 60 dias de licença ao digno delegado da comarca da Feira, sr. Dias Cura.

— Trata-se de preparar o 1.º troço da expedição, que partirá breve. O contracto com as companhias Empreza Nacional e Mala Real foi hoje assignado. Com o primeiro troço partirão 4 cães destinados ao serviço de vigias, para o que foram convenientemente ensinados.

— O sr. ministro dos estrangeiros acaba de partir para Huelva a fim de ver seu thio o sr. visconde da Orta, que está em perigo de vida.

— No dia 1.º d'abril entram em uzo as novas marcas do correio indicando o dia e a hora de entrada nas respectivas estações postaes e a respectiva expedição.

— O sr. Jayme Lima foi exonerado, a seu pedido, do logar de juiz de direito substituto d'essa comarca.

— Sei agora que as experiencias a que El-Rei foi hoje assistir ás Vendas Novas não deram o resultado que se desejava. Assistiram cerca de 300 officiaes de differentes armas.

O cavallo a que montava o sr. coronel Baracho, chapou-se, ferindo bastante o cavalleiro. Y.

CARTA DE COIMBRA

28 DE MARÇO DE 1895.

Vou fazer hoje, como prometti na minha ultima correspondencia, uma rapida rezenha do que se passou durante as varias sessões do *congresso de tuberculose.*

1.ª sessão.—Abertura. Tinha sido annunciada para o meio, mas, em vista do ex.mo sr. Bispo Conde não poder ir antes da 1 hora, e ter manifestado desejo de estar presente á abertura, esperou-se que s. ex.ª comparecesse, que foi d'uma pontualidade mathematica. Cabe aqui dizer que s. ex.ª, estrenuo auxiliador de todos os emprehendimentos grandiosos, concorreu com a elevada quantia de **cem mil réis** para as despezas preparatorias do congresso. Passados alguns minutos depois da chegada do sr. Bispo Conde, tomou a presidencia o sr. dr. Augusto Rocha, que abriu o congresso com toda a solemnidade, servindo de secretarios os srs. Leite de Faria, promotor do congresso, e dr. Santos Viegas. Depois do sr. dr. Augusto Rocha ler um substancioso discurso, foi eleita por acclamação, sob proposta do mesmo sr., a meza que havia de funccionar no decorrer do congresso, ficando assim constituida:

Presidente, dr. Costa Simões, reitor da Universidade; *Vice-presidente*, dr. Mirabeau; *1.º secretario*, Ayres de Ornellas Cisneiros de Brito; *2.º secretario*, João Sabino de Sousa; *1.º vice-secretario*, Agostinho Lucio da Silva; *2.º vice-secretario*, Annes Baganha.

O sr. Leite de Faria propoz, e foi acceite, que fossem nomeados presidentes honorarios do congresso muitos dos congressistas, entre elles os ex.mos srs. Bispo Conde, dr. Antonio d'Oliveira Monteiro, (representando a escola-medica do Porto); José Maria da Costa Alvares, (representando a escola-medica de Gôa); Guilherme Nunes Godinho, (representando os estudantes da escola-medica de Lisboa), e Manuel Ferreira Machado Junior, (representando os estudantes da escola-medica do Porto), etc. A imprensa periodica tambem se achava representada por grande numero de redactores e correspondentes. Nas tribunas e nos doutoraes viam-se muitas senhoras da nossa primeira sociedade, o sr. Bispo Conde, governador civil, secretario geral, officialidade do 23, cavallaria 8 e guarda fiscal.

Durante esta sessão, que correu sempre com a maior ordem e grande enthusiasmo, fallaram os srs. dr. Rocha, que pronunciou um brilhantissimo discurso e agradeceu aos congressistas;

D. Antonio Espina y Capo, que agradeceu o convite e terminou por saudar as damas, meza do congresso e pedindo para se enviar um telegramma ao dr. Koch;

O sr. Ayres de Ornellas leu uma mensagem da Camara Municipal de Coimbra, em que se congratula de ser convidada a assistir ao primeiro congresso de Medicina em Portugal, e leu tambem uma mensagem do dr. Silva Amado, que não podia chegar aqui senão hoje ás quatro horas e meia;

Dr. José Epiphanio Marques, em nome da Faculdade de Medicina, saudou os representantes de todas as corporações scientificas do paiz;

Antonio de Oliveira Monteiro, em nome da Sociedade União Medica e como representante da Escola Medica do Porto, agradeceu o convite e incitou os congressistas á procura do modo do destruir o *bacillus da tuberculose*;

João Viegas de Paula Nogueira, pelo Instituto de Agronomia e Veterinaria, agradeceu em nome dos estudantes da faculdade de medicina;

Guilherme Godinho, agradece em nome dos estudantes da Escola Medica de Lisboa;

Manuel Ferreira Machado Junior, idem em nome dos estudantes da Escola Medica do Porto;

Armando de Lemos, idem em nome dos alumnos de veterinaria;

Zeferino Falcão, em nome da Sociedade das Sciencias Medicas, agradece e pede providencias para o desleixo a que o governo votou as nossas serras, as nossas praias e a provincia do Algarve;

Antonio Maria Pinheiro Torres, agradece em nome das corporações da clinica hospitalar;

Dr. Lopes Vieira, representante da jornal *Coimbra Medica*;

Dr. Philomeno da Camara, em nome das sociedades de beneficencia;

Bacharel Francisco Teixeira de Queiroz, em nome da Companhia Portugueza de Hygiene;

Silva Telles, em nome do sr. ministro da marinha;

Lopo José de Figueiredo Carvalho agradeceu em nome da camara municipal da Guarda e da commissão do mausoleu ao dr. Sobral;

José Bento Marim, representante do *Districto de Faro*, em nome da imprensa noticiosa. Dividindo em duas partes a propagação do remedio contra a tuberculose, diz que a mais importante pertence incontestavelmente á medicina; mas á imprensa cabe tambem um papel brilhante, e termina saudando a commissão promotora do congresso, damas, congressistas, estudantes e imprensa;

O sr. dr. Rocha, agradecendo a concorrencia e o apoio prestado pelos congressistas, pede que se levante um viva ao sr. dr. Costa Simões, o primeiro que em Portugal estudou os trabalhos *micrographicos.*

Este cavalheiro, tendo a voz embargada pela commoção, agradece ao sr. dr. Augusto Rocha com um aperto de mão. A's tres horas e vinte e cinco minutos foi encerrada a sessão pelo venerando presidente, o sr. dr. C. Simões.

2.ª sessão.—1.ª parte.—Eram 11 horas e 40 minutos, quando abriu a segunda sessão, presidindo o sr. dr. Augusto Rocha, servindo de secretarios os srs. Leite de Faria e Luiz Viegas. Na mesa da presidencia via-se um grandê quadro com o orogramma das mortandades de todas as doenças infecciosas e com as da tuberculose, sendo as febres marcadas com as seguintes côres: — Tuberculose, preta; variola, vermelha; typho, castanho escuro; dyphteria, azul; sarampo, amarella. De todas estas perigosas doenças as que têm causado maior numero de mortes são a variola e a tuberculose. Em 1887 houve na capital os seguintes obitos:—Typho, 3; sarampo, 4; dyphteria, 6; variola, 41; tuberculose, 133.

O primeiro a fallar é o sr. dr. Rocha, que começa por perguntar se a assembléa se conforma com o programma da commissão promotora, passando ao primeiro ponto do programma com a seguinte these:—*Será o bacillo Koch etiologico essencial da infecção tuberculosa?* Este assumpto é por elle dividido em quatro partes:—*1.ª caracteres microscopicos; 2.ª caracteres culturaes; 3.ª caracteres morphologicos; 4.ª caracteres biologicos.* Depois d'isto pediu para ser substituido na presidencia pelo sr. dr. Oliveira Monteiro, distinctissimo professor da Escola Medica do Porto.

Fallaram varios congressistas, havendo sempre a melhor ordem.

2.ª sessão.—2.ª parte.—Aberta a sessão ás 8 horas da noite, tomou a presidencia, a convite da mesa do congresso, o sr. dr. Raymundo da Silva Motta, secretariado pelos srs. Guilherme Nunes Godinho e Arthur de Chaves Lemos.

O dr. Koch enviou o seguinte telegramma:—Besten Dank uns Grusz dem Tuberculose Congress.—(Os melhores agradecimentos e saudações ao congresso de tuberculose).—*Koch.*

Em seguida começou a fallar o intelligente medico hespanhol, dr. Antonio de Espina y Capo, que fez um discurso soberbo e eloquente, mostrando que tinha estudado o assumpto com o maior cuidado e completo escrupulo. O seu discurso durou bastante tempo, mas não aborreceu, como em geral succede n'um discurso longo. Comparando a tuberculose com a sarna, que a todos ataca, diz que o tuberculoso pobre é um inimigo terrivel para a familia, mas que o tuberculoso rico é um flagello para a humanidade, porque pode com facilidade abandonar a sua terra e percorrer muitas em procura da cura. Depois de pedir aos governos, em nome da justiça, da sciencia e da moralidade, que separem os tuberculos o melhor que possa ser nos hospitaes, e que trabalhem, sem descanço, por destruir o *bacillus tuberculi*, termina, o seu discurso, com quatro conclusões:

a) Este *Statu quo* é impossivel;

b) Emquanto se não construirem hospitaes especiaes para phtisicos é necessario e urgente separal-os dos outros doentes, mas em salas espaçosas e bem arejadas;

c) Pede a construcção de hospitaes especiaes, ou ao menos pavilhões em bons locaes, para os affectados pelo *bacillus tuberculi;*

d) Emquanto não houver remedio para a tuberculose, é preciso circundar a Europa com uma muralha, havendo uma só porta, no cimo da qual se veja o seguinte distico:—*Hospital para tuberculosos.*

Depois d'este discurso foi substituida a mesa por outra, formada pelos seguintes cavalheiros.— Dr. Philomeno da Camara, Carlos de Menezes e Francisco Beires.

O primeiro a fallar foi o sr. Lopo José de Figueiredo Carvalho, que discursou sobre o seguinte ponto:—*Os tuberculosos da cidade da Guarda.*

Segue-se-lhe o sr. João Sabino de Sousa que fez um admiravel discurso sobre:—*A tuberculose dos bobinos perante a hygiene publica em Portugal.*

Como esta já vae bastante longa, continuarei no proximo numero.

Reisête.

PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, mocidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

O CREME SIMON

Preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

Vende-se em todas as perfumarias, drogarias e pharmacias.

Por grosso, rua dos Sapateiros, n.º 159, Lisboa.

CASA DE MODAS

LOPES DE SEQUEIRA & COMPANHIA

85, 287, 289, 291, 293—RUA DO OURO

LISBOA

ANNUNCIOS

GRANDE DEPOSITO

DE

SULPHATO DE COBRE E PULVERISADORES

J. D. Sereno & Filho, de Bustos, com deposito em Oliveira do Bairro, importaram directamente de Inglaterra e França, uma grande quantidade de barricas de sulphato de cobre de primeira qualidade, garantido, com 99 e 3/4 0/0 de sulphato puro, como do certificado de analyse; e pulverisadores—Excelcior—de Gobet—o que ha de melhor, mais seguro e mais perfeito, que vendem ao junto e para revender, a preços sem competencia.

Recebem encommendas directamente, que satisfazem de prompto para todo o paiz.

CALDA BORDALEZA

PREPARADA EM PÓ SOLUVEL, NA AGUA INSTANTANEAMENTE

Economia de tempo, extrema facilidade na sua preparação, adherencia perfeita, inocuidado completo do liquido sobre as folhas que nunca são queimadas.

Recommendada por *Millardet* e pelo illustre professor José Verissimo d'Almeida que, no seu relatorio apresentado ao CONGRESSO VITICOLA de Lisboa diz: «A Calda Bordaleza *á poudre unique* (em pó) tem produzido superiores resultados.»

A' venda nas drogarias e no escriptorio do agente—Porto, rua Sá da Bandeira, 75, 1.º, Damião Ferreira Leal — Em Lisboa: Debonnaire & C.ª, rua Luiz de Camões, 34, 3.º-D.

CARRO MELORDE

VENDE-SE um de 4 rodas com fole de verniz da Russia, tem 4 logares dentro e 2 fóra com duas cadeiras, uma atraz e outra adiante, construido ha pouco tempo na casa Lotorete, do Porto. Quem o pretender pode dirigir-se a Antonio José de Freitas Guimarães, de Pardelhas—Estarreja.

ATTENÇÃO

ANTONIO Mendes Diniz Fragoso Belem, participa aos seus numerosos freguezes que chegaram ao seu estabelecimento os seguintes artigos:

Manteiga ingleza, 1.ª qualidade.
Chá Hyson, 1.ª qualidade.
Peixe sortido, em latas.
Champagne, cognac, genebra e vinhos do Porto da antiga e acreditada casa Ayres & Filhos.
Bacalhau Noruega.
Grande e variado sortido de amendôas e outros artigos adequados á presente epoca.
Preços sem competencia.

LARGO DA PRAÇA

CEIA

LOTERIA

A commissão executiva da loteria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, incumbe-se de remetter qualquer encommenda de bilhetes ou decimos, logo que ella seja acompanhada da sua importancia e do seguro do correio.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Lisboa, 18 de dezembro de 1894.

O secretario

José Murinello.

UNGUENTO SANTO

preparado na

Pharmacia Barral

HERPES, EMPIGENS, DACTROS, SARNA, E QUAESQUER OUTRAS AFFECÇÕES CUTANEAS curam-se com o uso d'este unguento.

Trinta annos de bom exito, são os attestados mais valiosos que podemos apresentar para provar a sua efficacia.

—=(*)=—

Xarope Peitoral

(CODEINA E TOLU)

Empregado com bom resultado nas TOSSES REBELDES, BRONCHITES, LARYNGITES, ASTHMA, TOSSE CONVULSA, PNEUMONIA, TISICA, etc., etc.

PHARMACIA BARRAL

126, Rua Aurea, 128

LISBOA

ENXOFRE CUPRICO

COM

HYDRATO DE BIOXYDO DE COBRE

Na preparação da Calda Bordaleza emprega-se a cal para decompôr o Sulfato de Cobre em *hydrato de bioxydo de cobre*, afim de evitar que o sulfato queime as flores e folhas.

O nosso *Enxofre Cuprico* contem todo o Sulfato de Cobre no estado de *hydrato*, e tem a composição seguinte:

50 a 60 0/0 de enxofre.
40 a 50 0/0 d'um preparado alcalino contendo o hydrato que corresponde de 6 a 8 0/0 de sulfato.
Pureza garantida na factura.
Grande adherencia.
Prospectos e amostras gratis.

A' venda:—Lisboa, Fragoso & Vianna, rua da Prata, 81; Porto, Astier de Villate, rua Formosa, 250.

N. B.—Este enxofre cuprico assim preparado, e que é offerecido aos viticultores este anno pela primeira vez, marca um grande progresso no tratamento das vides.

MANTEIGA NACIONAL

FABRICA

EM

PRAIA D'ANCORA

EMPREZA

CANNAS AFFONSO & C.ª

MARCA REGISTADA

Grande exploração de productos de lacticinios. Manteiga de purissimo leite, fabricada pelos mais modernos processos.

N. B.—Esta manteiga entra no mercado para combater a ruinosa e perigosa concorrencia das margarinas estrangeiras, e dos productos mal fabricados no paiz, vendendo-se por um preço altamente vantajoso para o publico.

Garantia escrupulosa no fabrico, e na pureza do producto, eis o ideal d'esta empreza.

Pede-se aos nossos consumidores que se acautellem com as imitações das marcas, d'outras emprezas.

Deposito em Lisboa na Calçada do Marquez d'Abrantes, 8, á venda nos Grandes Armazens do Chiado e em varias mercearias. No Porto, Rua das Flores, 124, e nas principaes mercearias, confeitarias e lojas de chá.

Em Aveiro no estabelecimento do sr. Domingos Pereira Guimarães, rua de José Estevam.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a

Cannas Affonso & C.ª

PRAIA D'ANCORA

FUNDIÇÃO DO OURO

PORTO

Sr. redactor do *Campeão das Provincias.*—Para que o publico tenha conhecimento de quanto na **Fabrica da Fundição do Ouro** se trata *constantemente* de dar ás suas construcções mechanicas, a par da maior solidez e perfeição, toda a possivel elegancia, rogo-lhe o especial favor de mandar publicar no seu importante jornal o attestado que junto envio, o qual muito se recommenda pelo facto de ser passado por um industrial tão auctorisado *e pela circunstancia de nos ter obsequiado com encommenda de 3 importantes caldeiras geradoras de vapor, dentro de tres annos.*

Sou com consideração

De v. etc.

S. C.—Porto e Fundição do Ouro, 31 de janeiro de 1895.

O director gerente,

Luiz Ferreira de Souza Cruz.

—

Tendo-me o sr. Luiz Ferreira de Souza Cruz, digno gerente da NOVA COMPANHIA DA FUNDIÇÃO DO OURO, fornecido tres caldeiras geradoras de vapor para a minha Fabrica de Tecidos, sita nas Devezas, Villa Nova de Gaya, a 1.ª construida em novembro de 1891, do comprimento de 5m,56c. e de diametro interior 1m,70c., que principiou a funccionar em julho de 1892; a 2.ª, de egual medida, construida em março do corrente anno e que principiou a funccionar em julho do referido anno; e ainda a 3.ª construida em agosto do anno presente, do comprimento de 4m,20 c. e diametro 1m,50 c. que principiou a funccionar em outubro p. p. (1894), todas do systema PANTIN; declaro que me dou por completamente satisfeito muito principalmente das duas ultimas, de uma construcção segura e elegante, que honra sobremaneira a fabrica onde foram construidas. Faço tambem conhecido que as duas primeiras estão carimbadas a 7 kilos e a terceira a 8 kilos, pressão a que podem funccionar.

Villa Nova de Gaya, 1 de dezembro de 1894.

(a) *José Mariani.*

VENDE-SE

UMA horta á Fonte dos Amores, denominada *Horta do Gravelho*. Quem a pretender dirija-se a Jacintho Agapito Rebocho.

GRANDE FABRICA NACIONAL DE CARRUAGENS

ALMEIDA NAVARRO

RUA DA PALMA, 256

LISBOA

ESTA casa continua como sempre a construir trens de todos os systemas e com as mais modernas invenções referentes a esta industria. Tem actualmente para vender coupés, caleches, landaus, lauda netets, breachs, phaeton-tylbury, phaeton-breack, etc. Apesar de já serem conhecidas as magnificas construcções que aqui se fazem, todos os carros são garantidos para maior segurança dos ex.mos compradores.

SELLOS DE CORREIO!

Antigos e actuaes, de preferencia de Portugal e das Colonias, desejo compral-os e pago preços mais elevados do que qualquer outro; por exemplo—1853 D. Maria 100 réis, novo, bom exemplar, original, com gomma, pago réis 100$000!

OTTO MANGOLD-FRANCFURT AM

BETTINASTR, 35.—ALLEMANHA

FUNDIÇÃO DE FRADELLOS

DE

PRAÇA & FILHOS

PORTO

CONSTRUEM motores hydraulicos, coberturas metallicas, prensas para vinho e azeite, bombas e estanca-rios, portões e grades, linhas d'eixos e polias, columnas e tubos de ferro, guindastes e guinchos, motores para vento, reparações em machinismos e outras obras.

PROPRIETARIO E RESPONSAVEL

MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.